

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

NIVALDO DIDINI COELHO

CAMINHOS TEOLÓGICOS E FENOMENOLÓGICOS DE UMA IGREJA
TERAPÊUTICA

São Leopoldo

2012

NIVALDO DIDINI COELHO

CAMINHOS TEOLÓGICOS E FENOMENOLÓGICOS DE UMA IGREJA
TERAPÊUTICA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C672i Coelho, Nivaldo Didini
Igreja terapêutica / Nivaldo Didini Coelho ;
orientador Karin Hellen Kepler Wondracek. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2012.
71p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Obras da igreja. 2. Teologia pastoral. 3. Henry,
Michel, 1922-2002. 4. Fenomenologia. I. Wondracek,
Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

NIVALDO DIDINI COELHO

CAMINHOS TEOLÓGICOS E FENOMENOLÓGICOS DE UMA IGREJA
TERAPÊUTICA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data:

Karin Hellen Kepler Wondracek - Doutora em Teologia – EST

Enio Ronald Müller – Doutor em Teologia – EST

RESUMO

A realidade das igrejas cristãs protestantes é atualmente marcada pela noção de crescimento numérico e pela ascensão subjetiva perpassada pela grande ênfase no sucesso pessoal do indivíduo. A Missão da Igreja – como comissionamento evangélico – tem se transformado em projetos que relegando as práticas (fundamentais) de cuidado ao próximo à mera prática administrativa de crescimento institucional adaptam-se à lógica do mundo. Não tendo o cuidado e a terapia a objetividade requerida, os quais testemunhados amplamente nos Evangelhos, tanto por meio das práticas de Jesus quanto por meio da própria pedagogia divina ao ensinar o esvaziamento de si em favor de muitos, cumpre refletir o atual estado das comunidades de fé agregadas sob a confissão de Jesus como o Cristo. Para tanto, o presente trabalho quer analisar as possibilidades de uma Igreja Terapêutica, considerando o que a Palavra de Deus tem a ensinar a respeito do cuidado e da terapia, exemplificados nas ações de Deus através da história de seu povo, estendendo-se aos evangelhos. Daí retirar aportes a uma prática do cuidado e da terapia em diálogo com a contribuição da Fenomenologia da Vida, de Michel Henry.

Palavras-chave: Igreja Terapêutica. Cuidado. Michel Henry. Fenomenologia da Vida.

ABSTRACT

In recent days, Protestant Christian churches have been marked by a desire for numerical growth as well as for subjective growth in importance, imbued with a great emphasis on personal success of the individual. The Mission of the Church – as an evangelical commission – has been transformed into projects which relegate the (basic) practices of caring for one's neighbor to the category of mere administrative practices which can contribute to the growth of the institution, in this way adapting to the logic of the world. When care and therapy do not have the level of objectivity required and amply witnessed to in the Gospels, both through what Jesus did and what in his divine pedagogy he taught about emptying oneself in benefit of many, it is important that we reflect on the present state of the faith communities which join in confessing Jesus as the Christ. To help in this reflection, the present dissertation seeks to analyze the possibility of developing a Therapeutic Church, through considering what the Word of God has to teach about care and therapy, as exemplified in the actions of God throughout the history of his people and continuing through the Gospels. On this basis, the dissertation seeks to contribute to the practice of care and therapy, in dialogue with Michel Henry's concept of Phenomenology of Life.

Keywords: TherapeuticChurch. Care. Michel Henry. Phenomenology of Life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS.....	11
1.1 Caminhos para reconciliação: as marcas do amor.....	11
1.2 Andando nas marcas do amor.....	13
1.2.1 <i>A primeira marca do amor de Deus</i>	13
1.2.2 <i>A segunda marca de amor está na sensibilidade do Pai: “não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora!” (Gn 2.18)</i>	14
1.2.3 <i>A terceira marca de amor: Há esperança para o ser humano</i>	18
1.3 O malefício da queda – O ser voltado para si mesmo.....	21
1.3.1 <i>Quarta marca de amor: No dilúvio!</i>	21
1.3.2 <i>Quinta marca de amor: As lembranças inconscientes que levam à reconstrução</i> ..	22
1.3.3 <i>Sexta marca de amor: o silêncio amoroso de Deus</i>	24
1.3.4 <i>Sétima marca de amor: Reconciliação com o outro</i>	26
1.3.5 <i>Oitava marca de amor: A revelação e a identificação</i>	27
1.3.6 <i>Nona marca de amor: Saindo da alienação para uma relação Deus-próximo e o mundo</i>	27
1.4 O caminho da reconciliação chega a sua plenitude. Décima marca: A marca que dá vida.....	29
1.4.1 <i>Deus conosco</i>	30
1.4.2 <i>A marca da humilhação no corpo</i>	33
1.4.3 <i>Marca não mais no corpo, mas na carne</i>	35
1.4.4 <i>A marca do Espírito Santo: a marca na carne dos que o recebem</i>	36
2 CAMINHOS FILOSÓFICOS DE UMA IGREJA TERAPÊUTICA.....	39
2.1 Há uma surdez: a dos humanos.....	39
2.2 A revelação do Verbo (SI-ABSOLUTO): a linguagem dos homens.....	44
3 A MARCA EXPERIENCIAL TEOLÓGICA DE UMA IT.....	49
3.1 Um pouco do dinamismo da história.....	49
3.2 Primeiro eixo: fenomenologia da honra-alter.....	50
3.3. O segundo eixo: teologia da alteridade e honra.....	52
3.4 Honra e Alteridade na relação dos cuidadores e grupos de apoio.....	55
3.5 Honra e Alteridade nos recursos de aconselhamentos.....	55
3.6 Honra e Alteridade no aconselhamento diretivo.....	56

3.7 Honra e Alteridade no Aconselhamento em Grupos de relacionamentos.....	56
3.8 Honra e Alteridade como recurso espiritual.....	57
3.9 Honra e Alteridade da Oração intercessória.....	57
3.10 O terceiro eixo da alteridade é evangelização restauradora	58
3.11 Evangelização Terapêutica.....	58
3.11.1 <i>A comunicação deve ser empática e congruente</i>	59
3.11.2 <i>A Mutualidade: condição para uma comunhão duradoura</i>	60
3.11.3 <i>A comunicação relevante se dá na transmissão das Palavras de Cristo ao outro</i> 62	
3.11.4 <i>Estratégias espirituais da Igreja Batista Ágape - IT</i>	64
3.11.5 <i>A conjuntura existencial da igreja precisa ser alterada</i>	65
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fundamentar teoricamente a forma na qual a Igreja Evangélica Batista Ágape, em Campo Grande, MS, tem desenvolvido suas atividades a partir dos valores de uma Igreja Terapêutica,¹ compreendendo que a palavra terapêutica² tem sua origem na inquietude do Corpo de Cristo marcado pela reconciliação como forma visível do amor divino expresso pela obra de Cristo.

Tal inquietude não é nova. As marcas da graça de Deus com a sua Igreja nos impele ao relacionamento cuidador, o qual é colocado em cada ser humano pela força motivadora da fé e da graça, sob a força do Espírito de Deus. É nesta latência que encontramos a manifestação do Cuidado.

É justamente na falta desse elemento que vamos ver a igreja – como instituição – perder seu foco. Na tarefa de levar a palavra restauradora que agrada o coração de Deus e a graça que salva o pecador e cura suas enfermidades, as igrejas deixam de experimentar o amor por meio do cuidado aos mais necessitados da sociedade.

Quando as igrejas passam a valorizar mais seu patrimônio financeiro, físico e histórico elas perdem o foco dos valores da Igreja³ como Corpo de Cristo, inclusive sua razão de ser e sua existência como uma instituição promotora da solidariedade entre os seres humanos. Assim, a elas é vedada sua capacidade de cuidar da criação e de se relacionar com o Criador por meio dos pequeninos. É o próprio Cristo quem diz sermos capazes de olhar e ouvir a natureza como Ele mesmo a fez, instigando-nos a olhar para a natureza como parte da criação de Deus, conforme Mateus 6.25-28:

25 Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?
26 Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?
27 E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à

¹ COELHO, Nivaldo Didini. Valores de uma Igreja Terapêutica. São Paulo: Reflexões, 2010.

² Pelo termo terapêutico aqui intenta-se expressar a *arte de cuidar* de doentes, conforme o indicativo do substantivo proveniente do grego *Therapeutikê*, dando a subentender uma *tékhnê*, isto é, uma arte, uma ciência relacionada ao cuidado de doentes. LIMA, Aluísio Ferreira de. *A dependência de drogas como um problema de Identidade: possibilidades de apresentação do Eu por meio da Oficina Terapêutica de Teatro*. Dissertação. 261 f. (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 84.

³ Serão as citações bíblicas retiradas de A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997; e utilizado o termo Igreja com letra maiúscula sempre que este se referir ao corpo místico de Cristo.

sua estatura? 28 E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam.

A destruição da fauna e da flora, hoje quase que irrecuperável, é efeito das mesmas formas de relação observadas nas barbáries que se perpetuam entre os seres humanos por meio das guerras, dos mais variados tipos de tráfico (crianças, mulheres, drogas, etc), os quais promovem o abuso tanto do ser humano quanto da criação.

A igreja reconciliadora não pode ficar alheia à destruição do ethos humano e da Criação de Deus. Infelizmente, amordaçadas em seu próprio gueto institucional na busca de poder, muitas igrejas passaram a estigmatizar, coisificar ou valorizar os grandes investimentos que visam apenas ao crescimento numérico. A igreja deixou de cuidar dos desfavorecidos de nossa sociedade, que são também os desfavorecidos de nossas comunidades eclesiais. Enquanto os órfãos, as viúvas, as prostitutas, os abusados sexualmente e muitos outros continuarem padecendo de fome e de justiça, a proclamação do Reino de Deus será necessária. As igrejas, para serem a expressão viva de uma instituição relevante precisam olhar para o ser humano e para toda a criação que está a sua volta, como sendo o próprio *Jardim de Deus*.

No entanto, o que se vê é que ao invés de atrair os perdidos, as igrejas os afastam e os excluem impedindo a relação com o *outro* e a reconciliação com Deus. Este sistema é realimentado todos os dias pela sociedade na qual elas (igrejas) estão inseridas, levando-as a se distanciarem cada vez mais do plano redentor, isto é, o de ser a expressão visível do Corpo de Cristo, um Povo Santo, lavado pelo sangue de Jesus e que O professa como Senhor e Salvador a partir de suas ações.⁴ Assim, as igrejas acabam fragilizadas por meio da força testemunhal que possui a expressão do não amor exigido aos pequeninos (Mt 25.31-46), e perdem também sua manifestação na concretude por meio de *flashes* realísticos que sejam impactantes na vida dos seres humanos, os quais iluminados por estes *flashes*, melhor dizendo, pelos testemunhos efetivos da comunidade de fé ao seu entorno social, redundando em força ativa na transformação da realidade.

Quando não compreendem suas características cuidadoras, as igrejas se distanciam de sua missão e interrompem a possibilidade da comunhão, cujo sentido mais amplo é encontro do Pai com a sua criatura. É nessa incongruência que situa a presente inquietação, a

⁴ COELHO, Nivaldo Didini. *Doutrina bíblica que trata da queda do ser humano: a sua salvação por meio de Jesus Cristo*.

qual nos leva a conhecer os caminhos teológicos e fenomenológicos aplicados à Igreja Evangélica Batista Ágape, desde a sua fundação no ano de 2000 e lança-nos à reflexão.

A fundamentação teórica do presente trabalho está organizada a partir das contribuições de Enio Mueller, Karin Wondracek, Florinda Martins e Michel Henry. Conseqüentemente, é justo destacar que muitas das ideias, aqui mencionadas, têm sua latência em saberes constituídos pelas reflexões com a Profa. Dra. Karin, como professora no *Lato Sensu* e também coordenadora do grupo de pesquisa onde se estuda a obra de Michel Henry.

O termo *Igreja Terapêutica* (doravante abreviado por IT) é resultante de uma longa conversa com Albert Friesen,⁵ em Canela (RS) no ano de 2010, em um congresso do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CCPC). Na eventualidade devo ter respondido dezenas de perguntas aprofundadas e bem elaboradas por ele, entender que deveria ser o termo *Psico-Teologia* mais razoável para a temática e minha reflexão enveredou para uma ideia de IT. Após quase 4 horas de discussão em torno do assunto é que este termo se estabeleceu. A relação entre IT e uma *Teo-Psicologia* nos pareceu aceitável. Isto quer dizer que sempre a nossa fundamentação parte da teologia, pois a tradição bíblica é a base epistemológica para a compreensão da condição humana, bem como daí retirar seus recursos terapêuticos, sem eliminar o diálogo com outros saberes, pelo contrário, sejam experimentais ou reflexivos eles são valorizados em sua potencialidade de construção teórica.

Com o presente trabalho pretendemos aprender e apreender a respeito do que as Escrituras Sagradas nos ensinam sobre o cuidado pastoral e terapêutico. Outrossim, é fundamental entendermos os processos da ação cuidadosa de Deus dispensada no decorrer da História de Israel e nas comunidades de fé dos primeiros cristãos e cristãs, por meio das tradições presentes no Novo Testamento. Neste processo, o objetivo é aprendermos com Jesus para sermos uma IT para que possamos perceber as carências das pessoas que necessitam ser reconciliadas com Cristo, serem libertas do pecado e suas conseqüências.

No primeiro capítulo, partiremos da reflexão a respeito da reconciliação e integração do ser humano à vida orgânica da comunidade de fé a começar da narrativa da criação do humano, conforme o livro de Gênesis. Iremos percorrer a narrativa do rompimento da união entre o Criador e sua criatura, procurando alguns trechos fundamentais da Escritura que culminem nas ações perpetradas pelo Cristo que reconciliou consigo os humanos. Intentamos

⁵ FRIESEN, Albert. Formado em teologia – (ISBIM) - Formado em Psicologia –(UFPR). Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Membro do CPPC.

demonstrar que foi por intermédio da queda do ser humano que Deus iniciou um longo caminho pela história da humanidade para a sua reconciliação, buscando dar-lhe a oportunidade de se sentir novamente em comunhão com o Pai e Criador.

No segundo capítulo enveredaremos por uma reflexão filosófica. A intenção é considerarmos a vida e o ser humano na perspectiva da fenomenologia da Vida, teoria defendida por Michel Henry, filósofo e romancista francês e que trouxe uma compreensão da vida, ou seja, uma vida que se autorrevela na própria vida. A *Vida Absoluta* gera cada vida e convida à rememoração dessa dádiva. Centraremos a atenção no seu livro *Palavras de Cristo*,⁶ onde ele revela que somente na vida podemos viver em amor e em verdade na pessoa de Jesus Cristo.⁷ Nesta meditação é que vamos entender o que é Palavra do Mundo e o que é Palavra da Vida e como aplicá-las na vida comunitária, fazendo sobressair a Vida de Cristo em nossa vida. Com o pensamento de Michel Henry se abre uma nova dimensão ao sentido do doar-se, do viver fundamentado na Palavra de Cristo.

No terceiro capítulo delinearemos a importância da oração no processo terapêutico e o uso da Bíblia, em diálogo com o Pai, Senhor da vida! Este diálogo pressupõe o encontro do Pai com sua criatura e com a Igreja, o Corpo de Cristo. Não podemos excluí-la deste relacionamento individual por uma simples razão: Cristo é a Cabeça do Corpo! Ele é quem estabelece uma relação de cuidado com a Igreja (Efésios 5.32).

⁶ HENRY, Michel. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003.

⁷ HENRY, 2003, p. 34.

1 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

1.1 Caminhos para reconciliação: as marcas do amor

Eis que estou à porta e bato se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta eu cearei com ele e ele comigo (Apocalipse 3.20).

As marcas do amor serão o fio condutor deste estudo que nos possibilita entender que este amor nunca nos abandona. Pensar em uma IT é ponderar como a Igreja instituída por Cristo e fundamentada pelos apóstolos deveria ser: um ambiente no qual o ser humano pudesse sentir a presença do Espírito Santo de Deus, lugar de encontro com o Pai; jardim que compreende toda criação agindo harmoniosamente, sendo que somente o ser humano exerce sua influência voluntariamente; as demais (coisas criadas) seguem o curso da lei estabelecida por Deus. Mesmo que o ser humano esteja acima das demais criaturas isso não o isenta da preservação delas, antes o responsabiliza pelo seu cuidado. Assim, neste jardim, a Igreja, podemos todos nos encontrar com ele que à porta está a bater para poder entrar e fazer sua morada.

Figurativamente, jardim nos dá impressão de descanso, cobertura, acolhimento, meditação, compartilhar, glorificação da natureza a Deus e sensação de segurança nos braços do Pai. É no Jardim do Éden onde se dá o ato de amor criador, sublime e puro que Deus confere sua maior marca de amor ao ser humano, sua imagem (Gênesis 1.26) É neste lugar que um dos temas fundamentais da teologia surge de forma muito expressiva: a graça, a verdade e o amor. Deus é Verdade e Ele é amor. Desta forma, a verdade que a teologia aborda não é a verdade de uma simples razão ou sobre um determinado assunto do dia a dia. É uma verdade mais profunda, como diz Mueller:

Trata-se sim, de ampliar a percepção da verdade de modo que ela inclua outras dimensões. [...] nossa percepção cognitiva tem dois níveis. O primeiro é, por assim dizer, o nível da superfície, do consciente, do conteúdo propositivo de uma formulação de um texto. Verdade, nesse sentido, é a exatidão de determinadas formulações em contrastes com outras. Há um segundo nível, mais profundo, que opera no chamado “inconsciente cognitivo”. Refere-se às metáforas básicas que moldam nossa apreensão do que compreendemos como verdade. Quando concentramos nossa atenção nelas, percebemos que já nossas aproximações aos conteúdos podem ser diferenciadas. Estas metáforas, são como que as estruturas subterrâneas que dirigem e organizam nosso pensamento.⁸

⁸ MUELLER, 2005, p. 17-18.

Nesta concepção, verdade é o local em que o amor primeiro alcança e unifica o ser humano que por causa do engano no Éden se abriu a um abismo que distorceu seu conhecimento. Com este pressuposto percebemos as ações de Deus intermediadas por meio de metáforas e alcançando as estruturas subterrâneas do ser humano.

Na gramática, metáfora é o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos. Dado o seu caráter enfático, incisivo, direto, a metáfora produz impacto em nossa sensibilidade: daí sua grande força evocativa e emotiva. É a mais importante e frequente figura de estilo, que nos abre para compreensão de muitas verdades de Deus. A afirmativa de Mueller a respeito do “inconsciente cognitivo” e das metáforas básicas ajuda a compreender a ação da graça reconciliatória e a ação “convictora” do Espírito de Deus no ser humano. É no nível mais profundo que Deus o atinge com sua verdade. Dessa forma, Mueller afirma que:

Na dimensão cognitiva Jesus aponta para nível mais profundo do inconsciente cognitivo, das metáforas que dão origem ao nosso pensamento e que o presidem. E é deste nível profundo que emana, por sua vez, a dimensão existencial da verdade, em que a verdade deixa de ser predominantemente uma questão de conhecimento e se torna uma questão de modo de existência, de jeito de viver. É aí que o Novo Testamento concentra a pergunta pela verdade. Isso é bem colocado em João 7.17: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina”.⁹

É na Igreja, expressão do corpo místico de Cristo que as comunidades de fé, sob a confissão de que Ele é o Cristo aprendem a ouvir o Pai, que fala e ouve sua criatura numa relação de plena e profunda alteridade, na qual é revelada a sua intimidade na via do amor! No livro de Salmos, no capítulo 25, versículo 14, lê-se: “O segredo do Senhor é com aqueles que o temem; e ele lhes mostrará a sua aliança”. Esta tradução bíblica utiliza a expressão “segredo do Senhor” que pode ser também substituída por “intimidade”. A metáfora aqui mencionada aponta para o diálogo do Criador com sua criatura, demonstrando a relação afetiva do Pai doada a todo que O teme. Nesse temor e tremor revela-se a intimidade de seu amor!

⁹ MUELLER, 2005, p. 20.

1.2 Andando nas marcas do amor

Pensar a IT é ponderar como a Igreja instituída por Cristo e fundamentada pelos apóstolos deveria ser, isto é, um ambiente no qual o ser humano possa se sentir como pertencente ao Seu Jardim, tendo nela o seu arquihábitat,¹⁰ lugar de encontro com o Pai. Um jardim onde as pessoas alijadas do perfume da vida possam encontrar o perfume de Deus e a vida que nelas o Senhor quer fazer habitar. São as igrejas o lugar em que o corpo místico de Cristo se expressa, se valida pelo amor que nelas foi derramado por Cristo. É no amor criador de Deus no Éden que tudo se inicia e podemos perceber as suas marcas que seguem até depois do evento da páscoa, na ressurreição de Jesus Cristo, no derramamento do Espírito Santo onde foi manifestado o amor norteador da Igreja.

1.2.1 A primeira marca do amor de Deus

No livro de Gênesis, capítulo 1, afirma que Deus é o criador de todas as coisas neste universo, Mueller assegura que:

Primeiro sinal da criação (Gênesis 1.2) se encontra na referência ao *ruach elohim* que se movia sobre a superfície deste oceano primordial. Trata-se como um vento, um sopro. Em seguida temos o segundo sinal da criação (Gn 1.3): a palavra de Deus que manda que haja luz, seguida da confirmação de que assim aconteceu.¹¹

Deus gera o ser humano com suas características, cria-o a sua imagem e semelhança, manifesta-lhe o Espírito, a divina afeição que entra no pulmão e nele sopra a vida, a marca do Deus Vivo. A narrativa bíblica é construída a partir de um olhar hebreu, modelado pelo sentimento e pela visão da criação, diferentemente dos gregos, que tinham outro olhar para o ser humano. Na visão hebraica ele é feito da Palavra de Deus e do Espírito, mistura de barro e sopro do espírito. Há uma polaridade: Espírito e Palavra, e uma não pode estar em detrimento da outra. Elas não se opõem. Na Palavra temos o *logos* divino. No Antigo Testamento, a Palavra de Deus, sua promessa e sua verdade estão relacionadas a sua presença real, integral. O sopro que se faz carne e dá a vida é compreendido como a verdade que permite entender as

¹⁰ WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. 257 f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010.

¹¹ MUELLER, Enio R. *Caminhos da reconciliação*. Joinville: Grafar, 2010. p. 13.

outras coisas. Não se trata de entendimento abstrato de uma coisa com outra, mas sim, da percepção da promessa de sua presença no meio do povo.

Em Gênesis (1.27) encontramos a seguinte sentença: “criou Deus, pois, o homem, a sua imagem o criou; homem e mulher os criou”. A palavra para “ser humano” é *ha-adam*, no coletivo, ou seja, a imagem de Deus compreende homem e mulher. Mueller aponta neste coletivo a ideia de “início de uma comunidade”. Tudo tem um princípio e a criação de todas as coisas Deus o faz do nada (hebraico: *bara*). Chouraqui afirma que: “O verbo *bara*, aqui, tem valor de imperfeito, designando um fato ainda inacabado naquele instante passado a que o texto se refere”.¹² Partindo deste princípio que Deus criou *Adam*, o terroso, percebemos o coração afetuoso de Deus quando vê o coração de *Adam* solitário. No livro da criação (Gn 2.18) está escrito: “Não é bom que esteja só”. Então Adam, que teve seu primeiro relacionamento com o Pai torna-se um ser relacional à própria imagem de Deus. E para suprir a carência de companheirismo do homem Deus formou a mulher para que pudessem ter comunhão, tornando-a fruto do amor para com Deus.

1.2.2 A segunda marca de amor está na sensibilidade do Pai: “não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora!” (Gn 2.18)

Chouraqui traduz Gênesis 2.18 como “Mas para o terroso ele ainda não havia encontrado auxiliadora contra ele.” E explica o conceito de auxiliadora: “mostrou-se suficiente, adequado, próprio para ser uma auxiliar contra ele”. *Contra ele*: raiz *nagad*, “estar próximo ou oposto”; “relatar, contar, narrar”.¹³ Homem e mulher são criados tão próximos que seja possível unir e confrontar.

A mulher sai da própria carne de Adam (Gn 2.23): “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada”. O termo utilizado para demonstrar a alegria do homem com sua mulher é usado três vezes. Se em Gênesis 1.27 Adam era tratado como macho e fêmea, mesma linguagem usada para os animais, agora ganha uma interioridade humana e uma diferenciação sexual: o “osso dos meus ossos”, unidos pelo afeto divino e humano, isto é, Homem e Mulher (*ish, isha*).¹⁴

Mueller destaca serem dois seres humanos criados, um a partir do outro: “primeiro a necessidade de o ser humano ter o outro ser humano como seu ‘outro’, que não é ele mesmo

¹² CHOURAQUI, 1995, p. 31.

¹³ CHOURAQUI, 1995, p. 54.

¹⁴ CHOURAQUI, 1995, p. 45

[...] Em segundo lugar, a relação com este outro, quer ser uma relação de união”.¹⁵ Destaca-se este aspecto em virtude desta unidade visceral, emocional e espiritual ser abalada profundamente com a não percepção da gratuidade divina. Quando o apóstolo Paulo, em Efésios 5, nomeia a Igreja como a Noiva de Cristo nos traz a dimensão desta união como uma união pautada na percepção de um só corpo e uma só carne, vividas no próprio corpo de Cristo. Uma relação que proporciona a identidade que se perpetua nas relações de mutualidade.

Os valores da IT são os seguintes: “relacionamentos amplos, mútuos, íntegros em amor e em corações que amam e pulsam vidas”.¹⁶ É sob estes valores que a IT estabelece seu relacionamento com as outras pessoas e com Deus. Os valores de relacionamento mútuo, isto é, caminhar com o outro e reconhecê-lo como pessoa que também foi criada por Deus, são salutares e reconhecidamente necessários para a formação da identidade das pessoas, seja no campo familiar, relacional e ético:

Por outro lado, a relação que proporciona a *identidade*, onde, sem que ambos percam sua identidade própria, uma nova identidade é criada na relação mútua. (...) Reconhecer a diferença sem buscar identidade, pode facilmente levar à guerra. Reconhecer a identidade ao custo do apagamento das diferenças, pode levar à tirania de uns sobre outros. Paradoxalmente, o pleno reconhecimento da alteridade talvez só seja possível num contexto de plena identidade, e a plena identidade talvez só seja possível num contexto de pleno reconhecimento da alteridade.¹⁷

Podemos então observar que o homem e a mulher viveram intensamente um para o outro, vivendo a partir da verdade cognitiva mais profunda, conforme abordado anteriormente por Mueller.

Este conhecimento mais profundo da relacionalidade entre seres humanos e o divino, forjada pelo sopro de Deus e seu relacionamento verifica-se num lindo lugar onde exala a fragrância das plantas, flores, ouve-se a beleza dos cantos dos pássaros, contempla-se os animais, peixes de todas as espécies, tudo obras das mãos de Deus. Nota-se evidentemente, que é um lugar no qual o amor faz seu ritmo harmonioso com todo o ecossistema, e foi aí que os dois filhos, criados por Deus, receberam as primeiras instruções:

[...] lugar que Deus criou para colocar o ser humano que havia feito: um jardim em Éden, ao leste (Gn 2.8). Da terra, ou seja, do mesmo lugar e com o mesmo material

¹⁵ MUELLER, 2010, p. 17.

¹⁶ IGREJA EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE. *Curso de formação de liderança da Igreja Evangélica Batista Ágape* (Apostila).

¹⁷ MUELLER, 2010, p. 17.

do qual formou o ser humano, Deus também formou todos os seres vivos (Gn 2.19). E da mesma terra fez brotar as plantas (Gn.2.9).¹⁸

Este é o lugar de onde todos os seres humanos têm a sua verdade essencial, a mais profunda, como relata Mueller. É na concepção de pertencer originariamente ao mundo criado por Deus, aos ecossistemas que a igreja de Jesus Cristo deve ter sua atenção. No entanto, ela se volta contra seu próprio jardim. Interessante é a maneira como Chouraqui traduz o texto de Gênesis 2.20 “O terroso clama nomes para toda fera, para todo volátil dos céus, para todo animal do campo”.¹⁹

Clamar nomes: Deus que cria todas as coisas, tornando-as reais a este mundo, dá ao ser humano a capacidade de conceituá-las, sendo que esta conceituação, no início, era comum a Deus e ao ser humano. Quando a desobediência entrou na vida do ser humano seus conceitos também mudaram. A ética também mudou, pois não há a mesma pureza de pensar para conceituar e nomear (Gn 3.10-13). Guardar, conceituar e nomear são condições primeiras do ser humano. Após a queda estes valores já não são vistos na resposta de Caim para o Pai: “sou eu guardador do meu irmão”? (Gn 4.9). Mesmo em forma de negação, Caim expressa que sim. Originariamente somos todos cuidadores dos nossos irmãos e as igrejas são intimadas a realizar este cuidado (Gn 4.9).

Os viventes tinham no Éden toda liberdade para ali viver e desfrutar de sua condição imortal, pois assim o humano foi criado. Mueller diz que é uma possibilidade no contexto da relação. No entanto, esta relação será interrompida pela desobediência, pela não observância do critério estabelecido por Deus, a saber, o de não comerem o fruto da Árvore da Vida (Gn 3.1-5). A sedutora serpente sempre está presente. É ela quem foi considerada a mais astuta. Diz Chouraqui que “na mitologia babilônica ela é representada ereta, como um demônio ou um monstro fabuloso”.²⁰

Agora eles estão diante de uma nova situação: seus olhos foram abertos para o bem e para o mal e percebem que estão nus. Segundo Mueller, eles agora conhecem de outra forma, e já não conseguem harmonizar o bem e o mal, o ver a face de Deus e o estarem nus. Eles observam o Pai que está passeando no jardim e temem dar respostas as suas perguntas: Por que estão cobertos de folhas? Por que se escondem? Na relação com o Pai surgem as diferenças entre o estado anterior e o atual e também notam a distância entre o bem e o mal. O

¹⁸ MUELLER, 2010, p. 19.

¹⁹ CHOURAQUI, 1995, p. 54.

²⁰ CHOURAQUI, 1995, p. 56.

encontro com o Criador seria inevitável. A linguagem deles iria mudar, eles se sentiriam mal, a vergonha e a culpa seriam manifestadas ao se cobrirem com folhas de figueira (Gn 3.7). Chouraqui diz: “Folhas da figueira: segundo Rashi e o Midrash, trata-se aqui da própria árvore da penetração, através dela cometeram o pecado, através dela encontraram o remédio para sua situação”.²¹

Deus está chegando para seu costumeiro passeio pelo seu jardim, a hora da verdade se dará. (Gn 3.8). Mueller diz que o texto dá a entender que isso era uma coisa normal, rotineira, como se fosse a hora de um relacionamento, mas eles se escondem da presença do Pai, condição que permanece até aos dias de hoje. A fuga era o medo da verdade, pois na presença do Pai eles tiveram que dizer: “estamos nus!”.

Deste modo nasce uma nova forma de vida, um olhar totalmente diferente, um olhar agora para fora de si, uma estranha percepção da vida, com contraste visualizado entre o divino e o humano. É o que Mueller afirma:

A Bíblia, portanto, reconhece uma tensão no ser humano, entre a sua origem do “pó da terra” e sua origem em Deus. Esta tensão é percebida como inerente à própria condição humana. Por um lado, a finitude, a pertença ao mundo físico, como tudo o mais. Por outro lado, a tendência ao infinito, pertença ao ser divino. Isso faz do ser humano um paradoxo, um paradoxo que devemos sempre manter [...].²²

Agora vemos a polaridade ficando mais evidente. Num lado aquilo que nos liga aos céus e de outro o que nos liga à terra, um paradoxo que cada ser humano carrega dentro de si, seja entre os grandes arranha-céus das metrópoles ou entre as muitas nações indígenas.

Outro exemplo da manifestação deste *estado paradoxal se dá no pôr do sol, admirado e aplaudido pelo ser humano, expressando assim uma verdade essencial.*

É neste pôr do sol que se ouve a voz: “Onde estás?” (Gn 3.9). O hebraico dita em uma só palavra: *aieka*. Por um instante Deus percebe que a união existente entre Ele e sua criatura, entre Ele e Adão e Eva (o outro), é rompida. A pergunta “onde estás?” continua até aos dias de hoje na voz de Cristo, por meio da Igreja, na sua missão descrita em Mateus 28.18. Adão e Eva não têm como explicar o medo e tampouco o porquê do sentimento. Na pergunta há sabedoria de Deus, porquanto esta faz com que os humanos ali se voltem para a

²¹ CHOURAQUI, 1995, p. 61.

²² MUELLER, 2010, p. 19.

sua única verdade, aquela que está plantada em seus corações. Mas a ruptura está feita e fica então a marca, o sinal de Deus, que é seu amor expresso em palavras - “onde estás”.

1.2.3 A terceira marca de amor: Há esperança para o ser humano

Este momento da história inicia o caminho da reconciliação. Ela começa com um grande exemplo de Deus na tratativa do pecado. É na verdade uma aula de cuidado com o ser humano. Os laços estão rompidos e transparecem claramente: medo, desesperança, tristeza, constrangimento e o pior de tudo, o sentimento de desamor.

No entanto, vamos observar que há sinais de esperança em meio à barbárie! Em Gn 3.15 Deus declara que haverá inimizade entre a descendência da serpente e “o descendente” da mulher. A serpente lhe ferirá o calcanhar, porém ele lhe pisará a cabeça. A reconciliação inicia com o Proto-Evangelho, manifestação do amor de Deus em prometer um Redentor, o descendente da mulher que será capaz de pagar o resgate e purificar do pecado.²³ Por estar a palavra “descendente” no singular dá lugar para a interpretação de que é uma referência a Cristo, descendente de Eva, e não a toda raça humana. Como se lê em Gálatas 3.16: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência que é Cristo”.

Além de expressar seu amor estabelecendo uma aliança, promessa de que irá esmagar Satanás, Ele cuida de sua exterioridade, dando-lhes uma roupa (Gn 3.21). Mais do que isto, Deus confere à mulher uma nova identidade: ela recebe o nome de Eva,²⁴ que quer dizer vida! Não é um paradoxo?! Sim, mas é a vida que Deus quer anunciar.

A roupa é feita da pele de um animal, e que para fazê-la foi necessário matá-lo. Aqui está a provisão, uma vítima sacrificial que ofereceu a cobertura para o corpo, providência capaz de promover a reconciliação permanente. Mueller afirma que: “Podemos perceber que é

²³ O texto Gn 3.15 é retomado em Ap 12, no episódio da Mulher e o Dragão, considerado como a antiga Serpente. Essa alegoria do livro do Apocalipse retoma um duelo entre o bem e o mal que perpassa toda a história da Salvação. A ideia de proto-evangelho é baseada em um tipo de recapitalação no qual cada etapa do episódio da queda do ser humano é reconfigurado alegoricamente. Jesus é o novo Adão, a serpente que fala à mulher, agora é representada pelo anjo que fala também à mulher, a qual dará a luz ao descendente que esmagará a cabeça da serpente, assim por diante. GIBERT, Pierre. *Como a Bíblia foi escrita*: introdução ao Antigo e ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 65.

²⁴ “Eva”, do hebraico hawwah, significa “mãe de todos os viventes”(Gn 3.20). Cf. DELLAZARI, Romano. Uma Colaboradora Que Lhe Corresponda? *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37 n. 158 p. 552-570, dez., 2007. p. 568.

a primeira expressão do cuidado e do carinho que Deus terá continuamente para com o ser humano, mesmo em sua desobediência”.²⁵

Juntamente com a promessa de reconciliação também estavam: o pesar, a dor, a saída do jardim do Éden, o sentimento de perda, todavia, ao mesmo tempo, um novo momento que também impulsiona a vida, o desejo de resgatar o perdido, conquistar o amor de Deus. Embora estes sentimentos os mantivessem vivos não seria o suficiente para que alcançassem a graça, pois esta não vem deles, vem do alto, vem do Pai. Se a falta de uma mulher causava solidão, agora o casal humano se sente órfão.

O Jardim agora não precisa mais deles, porquanto os Querubins (Keroubîms) estão a guardá-lo. Como diz a Escritura (Gênesis 3.24): “E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden e uma espada inflamada que andava ao redor para guardar o caminho da árvore da vida”.

O apóstolo Pedro em sua carta (I Pedro 5.8) afirma: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar [...]”. Se os anjos estão ao redor, está Satanás ao redor com seus anjos, isto é, desde o Jardim do Éden ele estava lá para enganar. Chouraqui diz: “Keroubîms: o termo hebraico corresponde ao acadiano *karibu*, divindades da interseção. São figuras temíveis situadas na fronteira dos últimos mistérios de IHVH Elohîms: [...] trata-se de anjos destruidores”.²⁶ A confiança será retomada quando Jesus, o Cuidador, após a sua ressurreição, “resgatar a criatura desobediente” pelo poder do Espírito Santo com o intuito de torná-lo “filho de Deus”.

O sentimento é muito ruim. É um momento muito difícil para o ser humano. A desobediência do casal foi, no mínimo, um tormento que repercutiu em todo universo, tornando uma catástrofe que rasgou o relacionamento ao meio. Mueller afirma que a ruptura foi profunda:

Entre o Jardim do Éden e o lugar para onde o casal humano foi expulso há, agora, uma barreira intransponível. Em vez de o ser humano ser o “guardador” do Jardim (Gn 2.15), o acesso a ele passa a ser guardado por querubins, criaturas celestes que também parecem ter ali morada e por uma espada de fogo pronta para traspasar quem se aproximar.²⁷

²⁵ MUELLER, 2010, p. 27.

²⁶ CHOURAQUI, André. *No princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 63.

²⁷ MUELLER, 2010, p. 28.

A espada está posta, ninguém pode mais ter acesso à Árvore da Vida. A separação está feita pela presença do anjo, os querubins que garantem que o abismo permanecerá até o dia em que a ordem final for dada por Deus. Foi deste lugar que todos os seres humanos experimentaram a queda no pecado. Mueller diz: “dele caímos”.²⁸ Sem dúvida, não se trata de algo literal, pois esta queda se dá na própria vida (coração), e faz com que o olhar agora seja difuso (distorcido), algo que vai distanciando os humanos da lembrança daquele dia, o dia em que andavam lado a lado com o Pai. Mueller comenta que esta dissociação atinge a capacidade cognitiva, a verdade está alojada na profundidade do humano.

[...] quero perguntar pela noção de verdade que encontramos nos textos bíblicos. Minha proposição é, primeiramente, que o Novo Testamento reconhece a noção cognitiva de verdade propositiva, mas que nesta dimensão ele situa a pergunta pela verdade fundamentalmente no segundo nível. Ou seja, verdade não estaria primeiramente relacionada com conteúdos propositivos, mas com as metáforas profundas sobre as quais tais conteúdos propositivos são construídos.²⁹

O autor destaca que a verdade foi esquecida na camada superficial, e agora está alojada no inconsciente. É esta verdade que leva o ser humano a um movimento de retorno a Ele. Assim como uma planta se contorce toda na busca da luz observa-se na humanidade essa busca pela vida. É na vivência, desde os reflexos da estrutura profunda que a graça de Cristo tem seu agir com o propósito de resgatar o perdido e trazê-lo aos braços do Pai. Em suma, é a manipulação do princípio da redenção.

A narrativa humana segue após a saída do Eden e sem espaço para aprofundarmos todas as questões queremos destacar o que se considera um novo começo. Um começo fora da presença de Deus, uma busca pelo próprio caminho, mas uma busca autocentrada, dissociada de qualquer alteridade. É a partir dessa busca que o ser humano caído começa a construir uma cidade para si mesmo (Gn 4.17).

Quando o primeiro ser humano recomeça sua vida longe de Deus e dá ao seu primeiro filho o nome *hanoch*, que significa “começo”, “inauguração” isso quer sinalizar que é aqui que a história começa. E isto é reforçado quando o nome é dado também à cidade. Nada mais de Deus, nada mais de jardim, o ser humano independente constrói sua própria vida e sua própria cidade. E assim o *reshit*, o começo como Deus quis (Gn 1.1), acaba esquecido.³⁰

²⁸ MUELLER, 2010, p. 28.

²⁹ MUELLER, 2005, p.19.

³⁰ MUELLER, 2005, p. 33.

A relação fundante foi esquecida e na lógica de Enoque não havia exemplo a ser seguido. Ele não tinha parâmetros de reconciliação. Ele dá início a sua jornada, constrói segundo as suas próprias verdades o seu próprio caminho, não percebe a verdade primeira que se escondia no subterrâneo de seu ser, estava ocupado demais com o projeto de construção da cidade que terá muros altos para se proteger, uma atitude que mostra sua preocupação. Porém, Deus não é lembrado! O esquecimento continua nos dias de hoje. As igrejas têm criado seus próprios muros, deixando do lado de fora a graça. O véu foi rasgado de cima para baixo e depois costurado de baixo para cima, abrindo, novamente as portas para o legalismo.

O pecado tirou a esperança e a lembrança, mas não a lembrança primária, a que gerou vida, o sopro (Ruah) afetuoso de Deus. A Igreja não leva algo novo, embora sua tarefa seja levar novidade de vida.

1.3 O malefício da queda – O ser voltado para si mesmo

Encontramos agora um capítulo da narrativa bíblica acerca da humanidade que se permitiu distanciar de seu Criador e se tornar extremamente corrompida (Gn 6.11). Deus fala a Noé, o que demonstra a sua misericórdia e seu cuidado, dando-lhe instruções para que todos sejam salvos. No entanto, fica claro outra vez que há alguns que ouvem e os que não ouvem a voz do Criador.

1.3.1 Quarta marca de amor: No dilúvio!

No capítulo 6 de Gênesis encontramos um crescimento muito grande da sociedade e o pecado proliferando. Deus manifesta a sua justiça: “as águas cobriram todos viventes” (Gn 7.23-24). Mas, ao mesmo tempo, mantém Noé e sua família, de quem sairá uma nova geração. Em meio a barbáries, a misericórdia de Deus se manifesta. A construção da arca, como local de abrigo aponta para a sobrevivência daqueles que temem ao Senhor. O amor de Deus não é igual ao dos homens que se esquecem porque notamos que “Deus lembrou de Noé”(Gn 8.1). Que expressão maravilhosa para a Igreja não se esquecer do ser humano! Ele sopra o seu hálito de afeto, de amor, seca a terra e elimina as águas que as cobriam devolvendo a beleza da flora e da fauna. É o sopro que dá início a tudo e faz tudo novo. E para selar esta vitória (ainda que parcial) Ele estabelece uma aliança com toda humanidade. O arco-íris é um simples sinal? Não, é o sinal da preservação de todo ecossistema e que continua até aos dias de hoje. Afirma Mueller que:

Deus decide “se adaptar” à maldade humana, e faz uma promessa unilateral, de nunca mais permitir que a criação seja destruída por causa dela (Gn 8:21-22). Abençoa, em Noé, toda humanidade futura, repetindo a bênção ao primeiro casal humano na criação (Gn 1:28). Faz uma aliança com a humanidade, deixando como sinal dela o arco-íris (Gn 9: 8-17). É uma aliança que inclui todo o ecossistema e que deve durar para sempre; e que, portanto, continua em vigor.³¹

As marcas do amor de Deus não param por aí. Ele é amoroso e por estas marcas Ele permite um novo início como uma nova marca: “Eu amo e cuido de minha criação”. Deus abre um novo ciclo pós-dilúvio. Se no primeiro ciclo o mal prevalece sobre a vida, no segundo ciclo a vida prevalece sobre o mal. A manifestação do cuidado de Deus sopra para dar vida. “É o sopro de Deus começando tudo de novo, não como o recomeço de Caim, mas realmente voltando ao começo. Fazendo com que o mal não tenha a última palavra, que Seu bondoso propósito criador prevaleça”.³²

A vida agora irá ter seu novo começo, uma nova oportunidade na qual a lembrança do amor de Deus se estabelece na mente humana. O arco íris é a marca-guia de uma lembrança que toca todo ser humano.

1.3.2 Quinta marca de amor: As lembranças inconscientes que levam à reconstrução

Após dias sobre as águas o povo inicia a sua nova sociedade. Noé e toda sua família saem salvos da arca porque Deus havia estabelecido um pacto entre Ele e Noé e que prevaleceu. Assim vão surgindo raças e povos, “os povos da terra” (Gn 10.32). Um povo que manifesta um “forte desejo de voltar para casa”. A separação do Pai, a saída do Éden, isto para o ser humano ainda é um assunto não terminado. Mueller comenta que este povo busca uma volta elaborando um projeto frustrado de construir uma escada até o céu.

Desde o leste (Gn 11:2) ela empreendeu o caminho de volta, planejando construir uma cidade e uma torre em forma de escadaria que chegasse ao céu (Gn 11:4). Mas Deus estava atento, zelando por Sua promessa. Deus decide intervir e espalhar a humanidade por toda a terra, fazendo com que não falassem mais a mesma língua. A cidade foi chamada de Babel.³³

Deus ausente todavia presente os espalha, confunde as línguas e novamente o seu cuidado tem um sentimento paradoxal. *O Deus que dispersa é o Deus de amor*. É justo ressaltar que o amor de Deus segue coerente, é Ele que se inclina em direção aos humanos.

³¹ MUELLER, 2005, p. 37.

³² MUELLER, 2005, p. 37

³³ MUELLER, 2005, p. 37.

Esta forma de ausência é a melhor forma da presença de Deus. A oração, a meditação e o canto são os modos graciosos de relação espiritual. O mundo pós-Éden, de Abel, de Enoque e Noé nos faz criar imagens de um outro tipo de presença de Deus.

Esta é a lembrança que remete às marcas de amor presentes no inconsciente cognitivo e também no chamado de Abrão: é a continuidade da transmissão da imagem e semelhança de Deus ao ser humano, no ato da criação, ainda que pecador.

Deus vai demonstrar mais um cuidado, deixando claramente o quanto é longânimo e benigno para com os humanos. Deus ergue um homem chamado Abrão, “pai erguido”, com sua família para dar início a mais uma jornada cuidadora e é nesta família que se dará prosseguimento ao seu plano reconciliatório, estabelecendo a nação que deles descenderá. Em Gênesis, capítulo 15, Deus firma uma aliança com dois sinais:

O capítulo 15 de Gênesis é significativo por incluir um novo ingrediente na relação com Deus, com Abrão. Nele é relatado como Deus faz uma aliança com Abrão. “Naquele dia, o Senhor estabeleceu uma aliança com Abrão, e lhe disse: À tua descendência dei esta terra: desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates” (Gn 15:18). Esta aliança é reafirmada no capítulo 17 de Gênesis. Ela foi acompanhada por dois sinais. [...] o seu nome mudado para Abraão v.4, segundo sinal está no v.10: é a circuncisão [...].³⁴

O zelo do Senhor é grande. Devemos imitá-IO, pois Ele escolhe uma família, concede dois sinais que os tornam pessoas marcadas pela graça de uma vida com a esperança. Esta é a vida que o Pai está preparando a todos que nEle confiam. Abraão tem seu nome mudado, cujo significado doravante é “pai fecundo” (Gn 17:4),³⁵ não mais somente erguido, mas pai de uma grande nação. A marca que leva dentro de si, agora também a leva no seu corpo pela circuncisão (Gn 17:9-11).³⁶ Esta marca irá diferenciar o seu povo. Marca esta que a Igreja irá receber mais tarde com o selo do Espírito Santo, a nossa circuncisão espiritual, entretanto o significado, este sim, é transformado de servo para amigo de Deus. Esta mudança se repete com Cristo no Evangelho de João: “Já vos não chamarei servos, porque o servo não

³⁴ MUELLER, 2010, p. 42.

³⁵ Chouraqui diz que o nome Abrahâm lhe é dado e interpretado pelo sufixo *ab* (pai), e pela raiz semítica *rahâm* (não atestada em hebraico). Essa explicação vale para o texto sagrado, quaisquer que sejam as formas arcaicas do nome e suas explicações possíveis. CHOURAQUI, André. *Os homens da Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990. p. 172

³⁶ Conforme Chouraqui, a mudança de identidade é acompanhada por uma operação, a circuncisão: deste modo, mesmo o corpo de Abrahâm, aos noventa e nove anos (24), não será mais o mesmo. A aliança original tinha por sinal o shabat, e concernia ao correr do tempo; a aliança de Noah tinha por sinal o arco-íris desdobrado no espaço. É em sua própria carne que Abrahâm e sua descendência carregarão o sinal de seu pacto com IHVH-Adonai (Gn 34.14-25; Ex 4.24-26; 12.43-49; Lv 12.3; Dt 30.6; Js 5.2-9; Jr 4.4). CHOURAQUI, p. 173.

sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer” (João 15.15).

A chamada incluirá a sua família. Sua esposa também é tocada por Deus e de igual modo tem seu nome mudado para Sara, “princesa”. Ela será a princesa de uma grande nação! O amor de Deus não para por aí. Sara (princesa), depois de muito tempo de espera foi agraciada por Deus com um filho o qual lhe deu o nome de Isaque.

O impressionante é a prova que Deus faz de Abraão: concede-lhe um filho que será o herdeiro da família e pede-o em sacrifício. É uma prova de fé. O que vemos nesta experiência é que o cordeiro, o livramento que Deus estava providenciando, alegoricamente presente na narrativa de Abraão e Isaque, foi uma marca de amor. De Isaque nasceu o neto de Abraão, Jacó, iniciando uma situação que marca a história do povo de Deus, gênese de uma nação inteira.³⁷ “O filho de Abraão, Isaque, é uma figura um tanto enigmática, não recebe tanta atenção na narrativa que se apressa para chegar a seu filho *Jacó*. Este recebe mais atenção, e inclusive, terá seu nome mudado para “*Israel*”, que depois veio se tornar o nome de toda nação.”³⁸

1.3.3 Sexta marca de amor: o silêncio amoroso de Deus

Esta é uma grande história de cuidado de Deus presente na vida de Jacó e de sua mãe. Eles roubam os direitos de Esaú de receber do pai Isaque a bênção do direito da primogenitura, criando um grande conflito com Esaú, que promete matá-lo. Jacó, por sua vez, foge. Mas o que se vê no início é um fugitivo que leva consigo uma marca, o medo de seu irmão. Ele caminha na direção de seu tio, Harã, de onde seu avô Abraão havia saído, fazendo o caminho de volta. Isaque preocupou muito com a forma de sua partida e optou por abençoá-lo também e chorando levantou a sua voz: “O Deus todo poderoso te abençoe [...] e te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência contigo, para possuíres a terra das tuas peregrinações, que Deus deu a Abrã” (Gn 28.3-4).

Ele vai, mas Deus não o abandona. Após se casar com duas mulheres, Raquel e Lia, e ter filhos, decide que deve voltar. No caminho é marcado pelo Senhor em meio a um sonho

³⁷ “O grupo que tem uma experiência extática em relação com seu destino histórico pode se tornar um meio de revelação para outros grupos. É isso que o profetismo judaico antecipou quando incluiu todas as nações na bênção de Abrã e previu todas as nações chegando ao Monte Sião para adorar o Deus de Israel. A igreja cristã sempre esteve ciente de sua vocação de ser portadora da revelação para nações e indivíduos”. TILLICH, 2005, p. 133.

³⁸ MUELLER, 2010, p. 43.

onde viu anjos subindo e descendo de uma escada. O que acontece é a reversão de tudo que Deus fez até agora. Conforme Mueller:

Anjos subiam e desciam por ela (Gn 28:12). E Jacó viu o próprio Deus parado no topo dela e falando com ele: “Eu sou o Senhor, Deus de Abraão teu pai, e Deus de Isaque. A terra sobre a qual estás dormindo, eu a dou a ti e à tua descendência. (...) Em ti e em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra(Gn 28:13-14) E lhe assegura: Eu estou contigo. Te protegerei por onde quer que vás, e farei com que retornes a esta terra” (Gn28:15).³⁹

Este sonho resgata quem Ele é, toca a sua memória, toca em recônditos ligados às suas figuras paternas que o remetem ao Pai Criador. A escada preencheu o seu espaço vazio porque ela vem de Deus, vem de cima, e de baixo para cima aponta a direção de uma experiência com Deus. A presença de Deus ganha plasticidade, como afirma Mueller:

“[...] Agora desce o próprio céu. Isso é plasticamente descrito na imagem dos anjos subindo e descendo por ela. Esta escada não é construída de baixo para cima. Ela é baixada de cima. Como no caso da escadaria de Babel, também aqui Deus fala. Só que agora não mais para espalhar a humanidade. Agora é para assegurar ao solitário Jacó que dele descenderá um grande povo, que conta com a bênção divina.⁴⁰

Este é um sonho de reconciliação disposta por meio da vontade de Deus que apresenta ao ser humano seu caminho, uma escadaria que permite o livre acesso ao divino. Trata-se de uma ação de graça, de amor, e de afeto que o próprio Deus articula a começar das estruturas profundas do ser humano.

O sonho foi para Jacó um marco em sua estrutura cognitiva. Jacó não somente se lembrou do efeito do sonho mas também percebe a presença do Deus naquele lugar, que agora desce até a sua criatura. Assegura Mueller que “este lugar é o portal do céu [...] É esse sonho, enterrado nos mais profundos subterrâneos da alma humana ”⁴¹ que possibilita se dar conta da atitude de Deus em se comunicar com a criatura caída.

Parece o “umbigo do mundo” que abre o portal do céu. O marco espiritual foi muito importante para a reconciliação e restauração de Jacó. São estas marcas de amor que fazem a diferença na vida das pessoas. Daí estarmos destacando estes momentos de amor nos quais o pecado perde seus efeitos e sua força. Elas penetram no fundo na alma e dão sentido à vida, abrem portas que estão fechadas. Estas marcas remetem à porta, aquela porta do profundo que de todo ser humano é batida e que o faz ouvir a voz de seu Criador pedindo para ser aberta

³⁹ MUELLER, 2010, p. 44.

⁴⁰ MUELLER, 2010, p. 45.

⁴¹ MUELLER, 2010, p. 45.

(Ap 3.20). O papel da Igreja é levar esta mensagem à porta de todo ser humano. A ideia de que é preciso um momento novo na vida do ser humano é presente na percepção da tradição bíblica que apresenta Deus como um momento novo, a partir de uma nova criação.

1.3.4 Sétima marca de amor: Reconciliação com o outro

Num encontro reconciliatório e inesperado Jacó vai ampliar a sua visão para sempre. Ele estava às vésperas de encontrar seu irmão, quando é surpreendido por um homem, assim comentado por Mueller:

Jacó enfrenta sozinho, no meio da noite, um homem que luta com ele até o amanhecer (Gn 32.3-21; Gn 33,1-17). Também deste encontro ele escapa ileso, embora manco, e acaba percebendo que lutara contra o próprio Deus. Por isso, e para sinalizar o momento forte da narrativa que esse encontro representou, seu nome é trocado, tal como já o fora o de Abraão.⁴²

Esta marca de amor não só é um sonho comum, mas é a própria voz de Deus. É uma marca que vai além das estruturas conscientes, chega até às metáforas mais profundas. É aí que será estabelecida a mudança de toda sua apreensão e compreensão do que é a verdade. Seu nome será mudado como expressão de uma atitude de perseverança e reconhecimento de sua condição. Nessa noite ele tem uma dura batalha. Sozinho, ele luta a noite toda com um homem que o deixa ferido. Essa luta é a expressão de seu enfrentamento das estruturas profundas, isto é, no nível em que o saber envolve seu ser, suas ações, sua maneira de lidar com a realidade. Chouraqui comenta que:

Para os padres da Igreja, o nome Israel significa “um homem vencedor de uma potência”: Israel é “o homem” e ÉL “uma potencia”. É por isso que a luta de Ia’acob contra a Potência prefigura a tentação de Jesus. Efetivamente, Jesus. Efetivamente enquanto primogênito era a manifestação perfeita do Verbo [...].⁴³

Agora a marca do amor é vista por todos. Inicia em uma família e se estende para um povo através de seus filhos. A mensagem que faz parte das metáforas onde Deus deixa a sua marca visível às gerações é articulada como a confissão de todo um povo, haja vista ser a tradição oral da aliança e depois posta por escrito, a forma metafórica como um povo se entende a si mesmo, uma aliança na qual a forma é a película protetora e a felicidade a substância da experiência da humanidade com Deus.

⁴² MUELLER, 2010, p. 47.

⁴³ CHOURAQUI, 1995, p. 342.

No entanto, o caminho da reconciliação não termina aí, pois a marca amorosa de Deus é tão significativa que até hoje a Igreja pode dizer também que “o Deus de Abraão, Isaque e Jacó” (Êxodo 3:6), são os pais da fé que inspiram a todos os cristãos e cristãs.

1.3.5 Oitava marca de amor: A revelação e a identificação

Chegamos a esta oitava marca e observaremos que a mesma temática, a saber, a de mostrar que Deus se revela progressivamente nas estruturas metafóricas profundas do ser humano, é presente também nos processos de identidade. Quando o *Eu Sou* se revela a Moisés, Ele o toca profundamente fazendo com que ouça e veja para além de suas estruturas cognitivas conscientes. Sua escuta e sua visão partem dos porões metafóricos de identidade com o povo de seus antepassados. Mueller assim o descreve:

[...] Anos depois, como pastor de ovelhas, ele é levado “ao monte de Deus, a Horebe” (Ex 3:1) onde vê algo fantástico: um arbusto que queima e as chamas não o consomem. O narrador sabe quem estava por trás disso era o “anjo do Senhor” (Ex 3:2). Quando Moisés chega perto, o SENHOR lhe dirige a palavra, de dentro do arbusto em chamas: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abrão, o Deus de Isaque o Deus de Jacó”. [...] Moisés pergunta o Seu nome, a resposta não é como a de Gênesis 32:29, quando Jacó, ao perguntar o nome, não obtém resposta. A Moisés ele responde: “Eu sou o que estará (junto)” Ex. 3:14; ou talvez, “eu sou o que sou”, ou ainda “eu serei o que serei”.⁴⁴

Esta marca será a grande experiência do povo de Deus posta à prova com a libertação da escravidão no Egito por intermédio da ação de Deus. Isto se deu sob a liderança de Moisés. Com ele este povo irá conhecer o cuidado de Deus e terá a experiência de um Deus único, a fé em um só Deus. Segundo Crabtree:

[...] Foi neste ambiente de politeísmo, e não de animismo, que a religião de Israel teve a sua origem. Sob a orientação de Moisés, como o profeta de Iahweh ou Javé, a fé de Israel representa um rompimento definitivo com o politeísmo, e não um desenvolvimento que resultou finalmente no monoteísmo dos profetas.⁴⁵

1.3.6 Nona marca de amor: Saindo da alienação para uma relação Deus-próximo e o mundo

Moisés caminha com o povo para um deserto terapêutico, chega ao monte sob a orientação de Deus (Êx 19.20). Ele vai e ouve a expressão: “Eu sou” (Êx 20:2), que o fará lembrar que não foi a força dos israelitas que os tirou do Egito, porém a força poderosa de Deus. E essa lembrança estará marcada como um prefácio aos mandamentos de Deus. Toda

⁴⁴ MUELLER, 2010, p. 49-50.

⁴⁵ CRABTREE, Asa Routh. *Teologia do Velho Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

vez que os israelitas se lembrarem dos mandamentos saberão que estes mesmos mandamentos de cuidado uns dos outros só foram possíveis porque Deus é quem os libertou da escravidão. Mueller comenta que:

Os mandamentos têm dois focos, que na verdade são um só. O primeiro é justamente trazer à luz nossa alienação e incapacidade de viver de um jeito que contribui para o propósito divino. [...] Nesse movimento, um novo foco dos Mandamentos se anuncia. A atenção voltada para o outro significa aprender a nos vermos como cuidadores do nosso próximo. Somos chamados para a preservação da liberdade que Deus conquistou para nós e para nosso próximo [...] nisso tudo vai se realizando em nós a imagem de Deus: sermos cuidadores e cuidadoras do nosso próximo e do nosso mundo.⁴⁶

O cuidador Moisés chega “à montanha de Deus, a Horebe ou Sinai” (Êx 3:1) que se transforma em um local de encontro entre Deus e Moisés (Êx 17.6). Recebe ali as tábuas dos Mandamentos. Com eles na mão, Moisés dá instruções ao povo. Este, que era um cuidador por excelência, esteve face a face com Deus embora não O tenha visto (Êx 33.20). Moisés volta com seu rosto resplandecente, marca da glória de Deus e dá ao povo um sentido maior para enfrentarem o deserto na busca da terra então prometida. O Sinai agora tem o sentido, conforme Mueller, de um portal do céu (Gn 28.17).

Nesse corredor entre céu e terra, então, Moisés recebe de Deus as duas tábuas de pedra contendo os Dez mandamentos. Essa percepção da montanha como portal do céu terá enormes implicações para o modo como os Israelitas, mais tarde, entenderiam as instruções divinas registradas nos livros da Bíblia. Não só os Dez Mandamentos, toda a Torá, a Instrução, será vista como tendo sido dada por Deus a Moisés, neste portal. E é por isso que nela se expressa a sabedoria divina e as energias do paraíso. Ela vem de lá, e é recebida ali, naquele lugar onde o céu e a terra se tocam e onde, portanto, o mundo é reconciliado. Por isso, nela atuam energias reconciliadoras. E por isso o propósito maior da Instrução, o propósito maior da Bíblia, é a reconciliação universal.⁴⁷

Autoridade da letra é, como o rabinismo interpretou,⁴⁸ uma energia simbólica que nela está contida. Energia reconciliadora da humanidade com Deus, energia que desperta o povo e o faz dizer: eu quero este rolo que “fala” à alma. Até hoje este rolo tem sua importância, pois ele é também expressão da Palavra de Deus.

Faz sentido agora fechar estas nove marcas do amor de Deus no Antigo Testamento, base teológica de uma igreja cuidadora. Por vários âmbitos o Antigo Testamento nos ensina a aprender como Deus é amoroso e tolerante com seu povo.

⁴⁶ MUELLER, 2010, p. 54.

⁴⁷ MUELLER, 2010, p. 56.

⁴⁸ CHOURAQUI, 1995, p.

A “silenciosa presença de Deus” permanece no período interbíblico, o que nos mostra que há um tempo de espera, de silenciar, de esperar o tempo em que a mensagem fará mais sentido para o povo. O cenário ainda estava sendo preparado para a chegada daquele que viria na plenitude dos tempos.

1.4 O caminho da reconciliação chega a sua plenitude. Décima marca: A marca que dá vida

Esta marca está na lembrança dos Judeus até aos dias de hoje. Os que creem em Cristo verão a continuidade da história, bem como seu ponto mais alto, a reconciliação de Deus com a criação. A marca do amor com a presença real do Espírito de Cristo, ponto central dos quatro evangelhos (Jo 3.16), testemunhará contra toda e qualquer rejeição das Boas Novas na manutenção do espírito do mundo, isto é, contra a vontade redentora de Deus expressa na obra de seu filho Jesus.

A mudança é tremenda. O dia está clareando e o plano do cuidado de Deus, promessa feita no Éden de que a cabeça da serpente seria esmagada (Gn 3.15) foi cumprida na cruz com a morte de Jesus Cristo. Ele reaparece aos seus discípulos (Lc 24.15) e faz uma promessa (Jo 14.26) de que o céu se abriria para a descida do Espírito Santo, demonstrando seu grande amor pelo mundo inteiro e não mais somente aos judeus. Toda criatura teria dele agora a promessa de seu cuidado. E este cuidado deveria ter na Igreja seu agente direto.

No Evangelho de João (1.51) lê-se: “E disse-lhe: Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem”. É nesta convicção que a Igreja pode ser compreendida como um lugar terapêutico, pois tem em si a marca do Deus conselheiro, príncipe da paz, pai da eternidade (Is 9.6).

O cuidado de Deus está chegando a seu ponto máximo. O Verbo se fez carne, acampou e armou a sua tenda entre nós (Jo 1.14). Ele agora é o sacrifício maior (Hb 10.12). O povo não mais precisará sacrificar animais para expiar pecados porque Ele é o Cordeiro de Deus que tira, limpa e cura todo aquele que a Ele se entrega. Ele vai à frente de seu povo para que não se consuma o impuro. Já no jardim do Éden teve início o plano terapêutico, restaurador, a partir do primeiro animal sacrificado para cobrir Adão e Eva. Segue com Abraão, Jacó e depois por toda história de Israel. Observemos que antes havia a necessidade do sacrifício dos animais para a santidade do povo, porém, agora a santidade do mundo dependerá daquele que o arquitetou (Hb 9.23-28).

Em Cristo temos a condição de santidade, e nEle somos unidos e justificados. Qualquer coisa marcada pelo pecado será aniquilada. Daí se justifica a Igreja ter a convicção de ser terapêutica e crer que ela só existe se exercer este papel na sociedade: reconhecendo que expiação vicária de Jesus propicia a liberdade ao ser humano.

O cuidado com a obediência meticulosa da Lei consumia muito do tempo e das energias da liderança teológica do povo. A intenção, naqueles que a percebiam, era boa. Ligando a esperança messiânica ao cumprimento da Torá, como os próprios profetas tinham sugerido, o empenho se concentrava em sua observância estrita, como forma de apressar a vinda do Messias. O maior problema é que as pessoas acabam se acostumando com o jeito como as coisas são, e tendem a resistir a mudanças. O risco é não perceber, então, quando as mudanças têm origem no próprio Deus e querem levar a história adiante.⁴⁹

Agora há que se ressignificar as marcas anteriores, tendo em vista estar presente a própria vida, como o apóstolo Paulo afirma: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Coríntios 3.16); ou ainda: “E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (II Coríntios 6.16).

A afirmativa do apóstolo remete a igreja à unidade com Cristo, o Cabeça, que de igual modo estabelece o plano da reconciliação entre Deus e o ser humano. Este plano tem um caminho que passa pela cruz, pela ressurreição e pelo derramar do Espírito sobre toda a carne no dia do Pentecostes.

1.4.1 Deus conosco

Observemos que o Deus invisível está se despedindo como o sol que se põe em uma tarde de céu límpido e como que tocasse a terra. No horizonte se põe para dar lugar à nova luz, agora não mais uma luz invisível. Nasce uma luz presente e visível para a humanidade que deseja ouvir o som do clarim que já foi tocado. O cuidado reconciliador e restaurador já chegou, e é o grito do profeta do deserto (Mt 3.1-3), assim como é o que diz o apóstolo Paulo à igreja da Galácia: “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4.4).

Os autores dos evangelhos narram a história do nascimento e da encarnação do Verbo (Jo 1.1-2), de seu ministério, morte, ressurreição e ascensão que traz em si o ministério

⁴⁹ MUELLER, 2010, p. 83.

da reconciliação aos seres humanos que sofreram a queda no Jardim do Éden. Este ministério da reconciliação é dado para a Igreja, que a partir dos apóstolos apreende a instrução de Jesus sendo cuidadores de alma. Esta é uma IT (Mt 25.34-46). Agora em Cristo Jesus o projeto do Pai tem sua completude.

A encarnação do Cristo traz a criatividade em meio à futilidade repressora que a sociedade em todos os tempos impõe. No entanto, Jesus resgata a afetividade perdida no Éden para uma Igreja nova que vai ser inaugurada em uma sociedade empedernida, vazia de valores afetivos, onde crianças são molestadas por adultos, como se fossem objetos, a natureza destruída, as mulheres reprimidas por uma cultura patriarcal, as religiões se adequando à lógica do mercado, os trabalhadores oprimidos, etc. Os discípulos vão praticar o que aprenderam de uma sabedoria diferente de qualquer outro mestre de seu tempo. Na medicina Ele estará curando diferentemente de qualquer outro médico, exercerá um reinado que não há como dimensionar, pois seu reino não é deste mundo, Ele está no coração de cada ser humano apontando para a expressão visível do reino em ações práticas no aqui e agora.

Jesus Cristo mostra que sua representação de Deus não é ameaçadora, mas amorosa, chama a Deus de Abba Pai – paizinho. O termo diminutivo, carinho, revela que há liberdade e criatividade para brincar, construir e recriar, por isso a cura pode ser em qualquer tempo, mesmo no dia sagrado. Seu ministério é extremamente criativo – nas curas, nas palavras, no transcender as leis do momento e voltar ao que realmente importa- amar-, restabelecer e curar – no sábado ou fora dele.⁵⁰

Ele irá implantar o amor ágape, e assim redimensionar todas as formas de amor. O prazer erótico agora é resultante de um prazer na vida, é a encarnação do verdadeiro amor de Deus. Este prazer só é experimentado na encarnação do verbo (I Cor 13.1-13, Ef 5.22-33). Antes não havia a plenitude do amor, agora este marca toda humanidade quando publicamente vai a uma cruz e diz: “Pai, perdoa-lhes por que não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Esta é uma grande expressão que marcou a história em todos os tempos!

O Deus-conosco chega e dá sentido novo para a lei. Com toda a graça e ternura lhes diz:

29 - E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único Senhor. 30 - Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. 31 - E o segundo, semelhante a este, é:

⁵⁰ HOCH, Lothar Carlos et al. *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores: Anais do IV Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, FAPERGS, 2006.

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Marcos 12.29-31).

Os mandamentos não são mais a expressão do esforço humano ou de seu mérito. O Pai entra em cena e abre o caminho da reconciliação. Jesus vem para se encontrar com sua noiva, a Igreja. A escadaria de Jacó está presente nos evangelistas quando eles dizem que Deus amou o mundo e deu seu Filho para que por meio dEle todos fossem reconciliados. O que podemos perceber de relevante é esta via de mão dupla, o Deus que envia para salvar é o Deus que ensina o caminho de volta (Mt 22.37).

Mueller expressa que a escada de Jacó⁵¹ se concretiza em Jesus, o que torna compreensível a afirmação de Jesus a seu respeito (João 1.51): “E disse-lhe: Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem”. É nesta relação de afeto que a graça se dará na reconciliação. O autor destaca nos quatro evangelhos o caminho da reconciliação, um caminho totalmente terapêutico. E é por este caminho que uma Igreja deveria trilhar. Este caminho terá seu ápice na crucificação de Jesus, onde Ele levou sobre si os nossos pecados. Mueller argumenta que:

A razão disso é que nele é recapitulada a história da humanidade inteira, Por isso sua genealogia, conforme Lucas, vai até Adão (Lc 3.38). Por isso ele é chamado de “Filho Humano”, “o filho de Adam”, ou seja, o representante da humanidade [...] Em Jesus também é recapitulada a história do povo de Israel. Passo a passo os evangelistas insistem, especialmente o Evangelho de Mateus que sua vida vai recapitulando e completando a história do seu povo. Por isto ele é filho de Abrão, o filho de Davi. Sendo assim, quando nasceu brilhou uma estrela que desde logo foi interpretada como aquela que aponta para o surgimento da “estrela de Jacó” de Números 24:17.⁵²

É nesta perspectiva que o povo se identifica com Jesus como a “brilhante estrela da manhã” (Is 14.12); o Deus todo poderoso que vem escondido, mas se manifesta na mais íntima relação com a natureza (quem é este que até o vento lhe obedece) e no mais íntimo do ser humano (Luc 1.41); é presente metaforicamente na percepção que os seres humanos possuem na interação que realizam com o mundo.

O Messias, Príncipe da paz, vem para expressar o amor de Deus aos seres humanos. Ele exercerá o principado de maneira maravilhosa e como Conselheiro (Is 9.6) que tira do fundo do poço todos aqueles que estão perecendo. Deus é forte e estende a sua mão paterna

⁵¹ MUELLER, 2010, p. 85-86.

⁵² MUELLER, 2010, p. 91-92.

eternamente, promovendo a paz (Sl 42.1-3). Ele é quem une a terra e o céu e os estende para todas as gerações. Ele é quem se faz carne e morre em uma cruz. Agora o que foi desunido, pelo pecado de um só homem, será unido por um só homem. Os polos se reconciliam e se fundem em uma só marca: o sangue de Jesus que purifica de todo pecado!

O primeiro Adam, o primeiro humano, em sua desobediência, ativou um princípio do qual emana uma energia divisora, separadora, por toda criação, rompendo as estruturas polares que compõe tudo que existe, e instaurando nelas um permanente conflito. É a energia da alienação, do pecado. Temos seguido a história destes conflitos até este ponto. O novo Adam, o novo humano em Jesus Cristo, em sua obediência, tornou ativa na criação uma energia curadora, que atua de modo reconciliador nas estruturas do Sr, sarando os conflitos e restabelecendo as polaridades em sua tensão criativa. É a energia do AMOR, a marca fundamental de Jesus, a marca fundamental de Deus.⁵³

Este que purifica é o que une o ser humano e que o tira da maior crise existencial, uma crise do sentimento de morte e de separação. Convergir toda humanidade para Jesus Cristo é oferecer a transformação que está pautada na *cura*. E é isso que resulta da convergência: a humanidade restaurada e reconciliada. A nova criatura inicia sua jornada firmada em uma única marca desde o início: a marca do amor.

1.4.2 A marca da humilhação no corpo

Desde o início a traição veio por um só homem. Por um só ser humano ficou claro que sempre caminha junto à traição o desamor. Porém, o amor se manifesta na vida. É neste paradoxo que o Cristo, o amor absoluto, morre pelos justos e pelos injustos. Nas ruas carrega a pesada cruz sobre seus ombros, uma ponta para baixo e a outra para cima. Ele, no meio, como uma ligação direta para o céu. Na multidão, uma mistura de tristeza e alegria. É nesta humilhante trajetória que Jesus passa até que aparece a figura de um apoiador que, ainda que obrigado, ajuda a Jesus com sua pesada cruz. Trata-se de Simão Cirineu, oriundo da África. Para identificá-lo Marcos destaca que ele era pai de Alexandre e de Rufo. Eles parecem ser bem conhecidos dos apóstolos e da Igreja de Roma (Mc 15.1). Mesmo na sua humilhação o mestre tem algo a ensinar: o ensino é duplo, Ele é aquele que também se permite ser ajudado. Jesus disse que os que quisessem segui-LO teriam que tomar a sua cruz a cada dia e segui-LO (Mc 8.34). Cada cristão tem uma responsabilidade muito grande: a do ministério cuidador e

⁵³ MUELLER, 2010, p. 92-93.

resgatador, o ministério de Cristo. A igreja ganha, então, o seu escopo, sua missão a partir de sua identificação com a vida de Jesus.

Ele no seu terno amor vai se revelando à Igreja, esvaziando-se para que nesta humilhação desse a vida a toda a humanidade (Fil 2.7-11). Sendo o próprio Deus, esvazia-se de si mesmo para a humilde condição de criatura e desta para o mais humilde dentre todos os viventes.

Depois, como ser humano, diminuindo-se até o lugar mais baixo, Deus dá início ao movimento inverso, elevando-o à condição de senhor do universo. Nisso tudo, tornou-se manifesta a glória de Deus... A presença de Deus no mundo se dá justamente pelo escondimento do ser divino sem eu contrário, a fragilidade e vulnerabilidade de um ser humano. O Senhorio de Deus se mostra no mundo como seu contrário: a condição de um servo. Esta é a face visível do processo, desde o nosso lado. Visível é condição esvaziamento. Que ela seja compreendida como esvaziamento já denota fé que enxerga por trás das aparências. Ao olhar da fé, também, é aberto o segundo movimento, o de elevação. Este não é visível. É questão de confissão de fé.⁵⁴

A Igreja é estabelecida num olhar no qual a fé é a expressão que acena para Deus. A fé é a condição para uma IT se fundamentar e dar início ao seu processo cuidador e reconciliador. Sem esta fé o cuidado de Cristo não se estabelece (Sem fé não se pode agradar a Deus). O aconselhamento em uma IT pressupõe a fé em Jesus Cristo como Senhor de sua vida, sendo condição fundante para a restauração. Crer em Cristo é ter fé em seu amor restaurador. Portanto, a vitória restauradora se dá no amor de Cristo a cada pessoa. Foi por causa deste amor que o pecado foi destruído depois de sua morte, e morte de cruz.

Jesus veio a este mundo como o Conselheiro absoluto, e ao mesmo tempo como humano e frágil que chora, ama e que sente na carne o desamor e o desprezo, todavia é no amor que também restaura o ser humano. Sob os olhares do Pai, Jesus desce para a cruz, pois Deus mesmo havia dado seu Filho por amor ao mundo inteiro. Foi na força deste amor que Cristo estabeleceu o seu cuidado. Daí Ele ser o grande cuidador. É por este amor absoluto e único que a vida absoluta afeta toda humanidade. Olhar no rosto marcado pela dor do pecado dá agora um novo olhar: o olhar da esperança eterna! “A força do amor recaracteriza e sara o que está quebrado, reúne o que, apesar de se pertencer, está em conflito. Em Colossenses 3:14, este amor é descrito como ‘a ligadura perfeita’, aquilo que liga perfeitamente”.⁵⁵

⁵⁴ MUELLER, 2010, p. 94.

⁵⁵ MUELLER, 2010, p. 95.

Uma verdadeira aliança é estabelecida pelo sangue de Cristo. É ligadura que não deixa cicatriz. Ela é perfeita, é o sublime amor de Deus. Esta ligadura se dá na carne, mas não exerce controle sobre o ser humano. Embora o pudesse fazê-lo, não invade a individualidade, preservando o livre arbítrio, mas restaura pelo sangue a imagem de Deus. É no símbolo pelo qual a cruz de Jesus atinge a nossa carne, não por dogmas ou normativas porque estas tiram a realza, a nobreza e a profundidade do simbólico. Este é a expressão do mais profundo do ser humano, uma maneira de dizer o que sente, contudo não entende, simbolicamente faz sentido universal. O símbolo da cruz abre a passagem para a vida.

Nestes símbolos encontramos a magnitude do poder do amor, força que concede a verdadeira identidade, que é a relação construída na alteridade.

A identidade é relacional. Acontece num arco entre mim e o outro. A aceitação, o amor da parte do outro é condição da minha identidade. O que acontece normalmente é que as relações humanas nos roubam identidade, ao invés de concedê-la. São relações de uso, de interesse. Só o amor que me for devotado me restabelece minha verdadeira identidade, preservando-a por inteiro justamente ao unir amante e amado. O amor une perfeitamente, e ao mesmo tempo preserva perfeitamente a alteridade, a identidade de cada pessoa.⁵⁶

Foi na cruz que o pecado teve seu ápice de crueldade, onde Jesus Cristo recebeu no corpo as marcas do sacrifício e foi por amor que se deixou ser abandonado. Foi na cruz que Ele “perdeu” sua força, que Ele exclamou: “Pai, por que me desamparaste?” (Mt 17.46). Ao mesmo tempo é no vigor do amor que se abre uma janela para o céu, pela qual somos capazes de olhar de novo para a escada onde os anjos sobem e descem. A força do amor relatado no sonho de Jacó agora é realidade. O amor é a esperança terapêutica da qual a Igreja não pode abrir mão. É nesta força do amor que o pecado será aniquilado e trará de volta a dignidade do *outro*. Amor é a aceitação encontrada nas palavras de Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11.28).

A caminho da sepultura, algo de muito importante ocorreu, o que antes era um sonho tornou-se realidade. A escada foi recolhida, um vazão ficou por alguns dias. A escuridão tomou conta do mundo por algumas horas. Só que a gloriosa ação do amor o traz de volta, o Cristo é ressuscitado com as marcas dos cravos nas mãos.

1.4.3 Marca não mais no corpo, mas na carne

⁵⁶ MUELLER, 2010, p. 98.

Uma gloriosa aparição trará a luz de novo aos que nEle haviam crido, mas ao vê-IO morto vão embora. No caminho de Emaús. Ele aparece já ressuscitado, trazendo em si uma nova marca, a marca da vitória sobre a morte e que será mostrada aos discípulos em um corpo glorificado. Daí ser uma marca na vida de Cristo e não no corpo.

Esta marca Ele a emprega para convencer a um de seus discípulos, Tomé. Não só a marca no corpo o denuncia, contudo a sua presença luminosa é que fala à alma dos discípulos e os traz de volta para experimentarem a última e maravilhosa marca: a do Espírito Santo. Nela as pontas do arco se dão e não há quem possa desmembrá-las. Jesus, o Cristo, prepara o caminho para a vinda do Espírito Santo, quando este nas nuvens declara a vinda de outro. Quem é este outro? O Espírito Santo, o Consolador.

Em Apocalipse 11:15-19, se descreve uma solenidade. Ao toque da sétima e última trombeta, vozes no céu clamam: “O reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos século” (Ap 11:15). O povo de Deus na glória dá graças a Deus, e então “foi aberto o santuário de Deus que está no céu” (Ap 11:19). Santuário do céu é “o verdadeiro santuário” (Hb 9:24), aquele que serviu de modelo para o santuário que Deus mandou Moisés construir, quando o povo estava acampado ao redor da montanha do Sinai. Aqui ele é aberto no céu, para receber o Cristo vitorioso, o “grande sumo-sacerdote que adentrou os céus”(Hb 4:14).⁵⁷

Jesus então declara a sua subida, explica para os discípulos que Ele terá que subir para preparar lugar e faz a promessa de voltar (Jo 14.1-6).

1.4.4 A marca do Espírito Santo: a marca na carne dos que o recebem

A presença do Espírito Santo é a presença de Cristo, o pão da vida. Podemos observar que o amor de Deus habita o ser humano na carne e também no corpo quando todos os marcados por Ele se tornaram uma comunidade de salvos, a saber: a Igreja, o Corpo Místico de Cristo, as comunidades de fé espalhadas pelo mundo. Esta vida não se dá no nível cognitivo, embora o intuíssemos, mas é muito mais do que uma compreensão, é uma apreensão da vida. Daí a relevância de uma IT entender que o amor se plenifica abundantemente nas relações tridimensionais entre o *Pai*, a *Igreja* e o *Outro*, uma relação intermediada pelo Espírito Santo, uma presença vivificante na Igreja. É o Espírito Santo que convence o ser humano de seu distanciamento e de que há um abismo que o separa do Criador. Não há lugar para indiferença e isolamento na Igreja de Jesus porque o próprio Pai é

⁵⁷ MUELLER, 2010, p. 108.

um ser relacional. O Espírito Santo “sopra para dentro” de cada um através de duas formas, segundo Mueller: “O primeiro foco é aquilo que na terminologia bíblica se designa como dons do Espírito e como fruto do Espírito. O segundo foco é na transformação interior, que o Espírito Santo realiza nas pessoas.⁵⁸” O primeiro age na proclamação. O segundo tem a ver com a direção espiritual e cuidado da alma – “O Espírito realiza uma cura interior, tornando realidade nas pessoas a vida no paraíso de Deus”⁵⁹.

Agora a escada une a vida humana com o céu e faz fluir “rios de águas vivas” (João 7.38). Mas Muller questiona: “Se há um rio em nosso interior, fluindo aqui para fora, por que quando ele chega aqui fora não passa de umas poucas gotas?”⁶⁰ A profundidade desta pergunta aponta para o rumo que ainda precisamos tomar na jornada da restauração e esperamos contribuir para respondê-la com os próximos capítulos.

⁵⁸ MUELLER, 2010, p. 121

⁵⁹ MUELLER, 2010, p. 123

⁶⁰ MUELLER, 2010, P. 123

2 CAMINHOS FILOSÓFICOS DE UMA IGREJA TERAPÊUTICA

2.1 Há uma surdez: a dos humanos

Após percorrermos os caminhos da teologia para uma IT é necessário pensarmos com Henry o ponto de vista da fenomenologia da Vida, a partir das reflexões que ele faz em seu livro *Palavras de Cristo*.⁶¹ Henry nos dá uma grande oportunidade de sairmos de um pensar monista e pobre, por não oferecer outra possibilidade além das que os seus olhos veem, impedindo caminhar em direção a outras descobertas: aquelas que os olhos ainda não haviam visto e nem os ouvidos escutado, mas que existem há tempos. Então nada mais há nesse monismo do que momentos idealistas de uma ilusão, sem qualquer alusão ao que está sendo manifestado como novo: não vai além de um *saber óptico*. Ora, Henry nos abre um novo saber, um saber que desperta da vida para a Vida.

Desta forma, abre-se para a ontologia uma outra possibilidade, a da fenomenalidade da Vida na relação com o *Arqui-Filho*, o Verbo, o Logos da Vida, que é paradigma de todos o(s) *si(s) mesmo(s)*. Logo, este pode expressar em linguagem própria a manifestação da essência do Absoluto que vai além da exteriorização de um idealismo humano enredado apenas em “conteúdos manifestos no já dito e feito”. Jesus vai além de uma arquitetura humana: Ele é arquétipo e a própria Vida; Ele é o *Arqui-Filho* que toca a vida humana. Por isso esta vida humana é ela mesma encarnada. Maria é uma expressão (lália) dessa Vida, pois tem em si tanto de humano quanto de *Arqui-Filho*; a sua maternidade vai muito além de uma concepção física; ela é expressão da essência do Logos, do *Arqui-Filho*.

Não é isto que vemos no diálogo entre Mueller e Martins?

O Arqui-Filho, no entanto não é somente o Caminho que conduz os viventes à Vida. Ele não é este Caminho verdadeiramente senão na medida em que *é e foi o Caminho em outro sentido, mais original ainda*. Antes de conduzir os viventes à Vida, ele conduziu a Vida até os viventes. É somente por que conduziu a Vida até os viventes que, assim fazendo, conduziu estes até a Vida. Como o Cristo conduziu a Vida aos viventes, de tal maneira que pôde pronunciar a palavra louca e mais extraordinária, aquela onde de certa maneira se coloca antes da Vida: “Eu vim para que se tenha a vida”? Ele conduziu a Vida aos viventes “em a conduzindo primeiramente nele até ela mesma”, e isto em e por sua Ipseidade essencial. Depois em fazendo dom desta ipseidade a todos viventes de maneira que nela cada um deles seja possível como um Si vivente. A geração do Arqui-Filho na auto - geração da Vida absoluta torna possível a geração de todo vivente concebível. É desta maneira que o Cristo é o

⁶¹ HENRY, Michel: *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003. Usaremos itálico para nos referirmos ao título do livro, e não-itálico para referir ao conceito “Palavras de Cristo”.

Caminho, porque, tendo conduzido a Vida até cada vivente, ele também se faz ser nesse mesmo movimento que conduz o vivente à Vida.⁶²

É de fato na manifestação da Vida que compreendemos o diálogo: “façamos o homem a nossa imagem e semelhança”. Este “façamos” dá conta do fenômeno que originariamente nos constitui. A fala de Jesus faz aparecer no mundo aquela palavra pronunciada antes do seu aparecer no tempo: aquela que o revela gerado já é um *si mesmo*, autogerado. Suas ações sempre obtiveram validade em virtude da congruência ontológica nelas contidas, sendo Ele o que SE FEZ CARNE, isto é, não é da carne, mas está nela. Esta é a verdade do Cristianismo, na qual a Igreja deve ter a sua magna experiência de mensageira da vida em abundância para todos, sendo única forma pela qual o humano encontrará a sua vida; no Absoluto que traz Vida em si mesmo. “Eu vim para que tenham vida”, esta é a verdade que nos interessa.

Importa, agora, sublinhar que a *Verdade do cristianismo difere completamente da verdade do mundo*. Mais verdadeira do que a verdade do mundo, a verdade do cristianismo é uma verdade fenomenológica pura, no sentido puro. Ela diz respeito, por consequência, não ao que se mostra, mas ao ato de se mostrar; não ao que aparece, mas ao modo de aparecer; não ao que se manifesta, mas à manifestação pura - ela mesma e enquanto tal. Ou, como ainda podemos dizer não ao fenômeno, mas à fenomenalidade. O facto de se mostrar, o aparecer, a manifestação são conceitos fenomenológicos puros, que expressam, precisamente, os conceitos especificamente cristãos: «aparição», «verdade», «revelação».⁶³

Assim a essência do cristianismo está na essência da vida, que segundo Henry a palavra dos Evangelhos é *écran* de sua própria imagem. No livro *Palavras de Cristo* ele conduz a uma reflexão fenomenológica desta realidade, como afirma Pereira de Almeida, no prefácio à versão portuguesa: “[...] no século II Papias subdividia o conteúdo dos Evangelhos nestas duas categorias: ‘As coisas ditas’ e ‘as coisas feitas por Jesus’ e porque Jesus fala através do que realiza, entre o que diz e o que faz não há oposição”.⁶⁴

É nesta perspectiva de ouvir-ser-fazer que uma IT tem a sua práxis ontológica. Ancorada na Fenomenologia da Vida, a IT encontra a sua razão de ser bem como a missão que pelo *Logos* lhe é confiada. Jesus mostra a sua identidade na própria vida. As Palavras de Cristo são a linguagem que expressa a sua vontade a todos os seus discípulos para que estes a

⁶² HENRY, 2003, p. 7.

⁶³ HENRY, Michel. *Eu sou a Verdade: para uma filosofia do Cristianismo*. Lisboa: Vega, 1998.

⁶⁴ HENRY, 2003, p. 7.

transmitam a outros.⁶⁵ É nesta perspectiva que a linguagem expressa é uma linguagem divina e humana. E é por ela que Cristo circunscreve seu plano.

As Palavras de Cristo não serão ouvidas enquanto o ser humano estiver apenas com seus olhares voltados para a satisfação de seu ego. Nessa atitude tudo aparece carregado de desafeto. Jesus mesmo disse (Jo 8.43): “Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra”. É exatamente nesta dimensão da vida, a qual perpassa a vida humana que a voz de Cristo será ouvida; é na vida enquanto *pathos* que se eleva em nós a própria vida. E não é nesta vida que nos importa nascer de novo? Como sendo o único e absoluto meio para nascer?

Uma IT busca entender este nascer do ponto de vista teológico, como já observamos. Na interface com a Fenomenologia da Vida, no diálogo com Henry, temos a possibilidade de ampliar o entendimento de nossa vida na vida de Deus. Em *Palavras de Cristo* o único meio de o conseguirmos é aquele no qual o Verbo se faz carne, alimentando-nos em nossa contínua condição de *cervo* que suspira pelas águas.⁶⁶

O desejo de conhecer a vida é marca inerente a todo ser humano, motivo pelo qual, esta questão toma tal relevância; nele, as Palavras de Cristo são o eixo que o legitima, pois é através do *Logos* encarnado que a vida vai se dando continuamente, num diálogo que promove a vida na própria vida.

A Palavra das Escrituras distingue-se de toda a outra palavra na medida em que ela traz consigo uma pretensão extraordinária, a de ser a Palavra de Deus. O termo “pretensão” não deve ser tomado à partida de maneira pejorativa, mas antes como a toma Husserl, quando se refere à pretensão de cientificidade por parte da ciência.⁶⁷

As Escrituras têm este caráter em *si mesmo*, de promover a vida, a pretensão é vivida e experienciada, motivo pelo qual ser científica; o salmista, no Sl 1:2, dizia meditar dia e noite, pois nela encontrava a vida eterna: “Antes tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite”. Nós não somos capazes de criar imagens o suficiente (semente, livro, espada, flecha, lâmpada, luz, etc.) porque são limitadas para trazer uma

⁶⁵ II Tim 2.2: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”. Sl 42.1: “Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus!”

⁶⁶ Sl 63.1: “Ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água”.

⁶⁷ HENRY, 2003, p. 8.

representação do que é ela na nossa vida: o fenômeno é indescritível, é o logos encarnado do Pai.

Daí a importância da Palavra, porquanto ela é como fonte de vida no ser humano; fonte que cura, por isto é terapêutica; o autor aos Hebreus busca descrever tal sentimento e nos fornece uma compreensão mais profunda de sua ação. Por ser ela a Palavra de Deus, é amor que proporciona um abrir para a vida (Hb 4.12): “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”.

As Palavras de Cristo têm um potencial vivo que gera vida trazendo consigo luz e conhecimento. A ênfase no termo “penetrante” mostra a sua eficácia; a Palavra é de Cristo, apresenta duplicidade, ou seja, tanto humana quanto divina. Se assim não o fosse esta linguagem não seria eficaz e nem penetrante.

Se supusermos que o Verbo de Deus fala outra linguagem, diferente, no princípio, da linguagem humana, somos obrigados a reconhecer que a sua Palavra escapa ao conjunto das concepções da linguagem [...] Por visar unilateralmente a linguagem dos homens, a filosofia da linguagem apresentaria uma lacuna espantosa: nada saberia da palavra que no fim das contas, é a única que interessa – a Palavra de Deus, isto é, o modo como Deus nos fala.⁶⁸

Reunindo as ideias de Henry com as reflexões de Mueller apresentadas no primeiro capítulo, é possível pensarmos em duas linguagens: uma vazia, como a da Torre de Babel e a linguagem no sonho de Jacó, linguagem sem lacunas, divina, a que une a terra e céu, o humano e o divino. As duas linguagens comunicam, só que uma comunica a vida indescritível, e de difícil compreensão na sua essência. Henry nos ajuda a entender estas aporias da linguagem. A teologia pode encontrar em Henry uma oportunidade de ler sob outra perspectiva o vazio da linguagem que não é perpassada pela vida, como ele mesmo afirma: “Segundo a teologia cristã (interrogamos mais adiante, de um ponto de vista filosófico, a sua verossimilhança ou legitimidade), a natureza de Cristo é dupla, isto é, simultaneamente humana e divina”.⁶⁹

É nesta perspectiva que a linguagem divina e humana vai sendo tecida e caracterizada. Não era assim antes. A linguagem tinha um caráter único antes da separação do

⁶⁸ HENRY, 2003, p. 13.

⁶⁹ HENRY, 2003, p. 11.

humano com o Divino. Agora estamos diante de uma nova realidade, a Palavra de Cristo precisa estar encarnada.

A Palavra encarnada abre o caminho para a Nova Aliança que nos revela o sentido de suas palavras assim como seu caráter, sua essência, sua verdade, sua natureza. É nela que a IT se fundamenta; é nas palavras de Cristo que ela se alicerça, portanto ela é a revelação própria do EU SOU.⁷⁰

No texto de Êxodo Deus fala de si mesmo, porém em toda Bíblia vemo-IO falando aos humanos do que lhes é próprio, além de mostrar caminhos morais e éticos. Henry argumenta que:

Todavia as palavras de Cristo dirigidas aos homens nem todas lhes dizem respeito. Algumas falam-lhes não deles, mas do que ele é, ele que lhes fala. São, de resto, as mais assombrosas. Compõem o que bem se pode chamar um discurso de Cristo sobre si próprio.⁷¹

É Cristo que encarna e estabelece a mais importante aliança. Na linguagem do amor, sua palavra é o *método* que toca não um entendimento cultural da linguagem humana, contudo o da vida que Ele mesmo nos deu em sua própria vida. Ela confronta a linguagem dos humanos. Henry afirma serem estas palavras “perturbadoras afirmações” que tornam a palavra dos seres humanos em causa de sua própria condenação. O que não foi diferente aos profetas e aos seus discípulos, os quais confrontaram os valores humanos com os valores divinos.

Henry chama a atenção para uma grande lacuna, a surdez dos humanos à linguagem de Cristo quando este fala de si mesmo. A grande indagação seria então esta: O que escutam os humanos na sua linguagem? Não seria este ainda o desafio de uma igreja que deseja ser terapêutica? Oferecer aos seus ouvintes a possibilidade de ouvir a voz de Cristo? Gostamos da metáfora do apóstolo Paulo na qual chama a atenção para a surdez, para a incompreensão da linguagem de Cristo e destaca que a razão é a carnalidade.⁷²

⁷⁰ Êx 3.6: “Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus”.

⁷¹ HENRY, 2003, p. 14.

⁷² I Cor 3. “1 E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo. 2 Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis, 3 Porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens? 4 Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais? 5 Pois, quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e

O que vemos então é que o ser humano fica em sua própria verdade, a verdade do mundo. Henry faz uma crítica ao reducionismo fenomenológico científico e ao pensamento grego ao afirmar que estas fenomenologias não saem do âmbito das representações não alcançando a vida onde se processam as verdadeiras relações.

2.2 A revelação do Verbo (SI-ABSOLUTO): a linguagem dos homens

A encarnação de Cristo é muito mais que uma aparição fisiológica. Ela se estende a camadas de relacionamentos muito profundas que devemos levar em consideração. As palavras de Cristo não teriam seus significados se não fossem pela encarnação.

Henry fala da encarnação em seu livro *Encarnação: uma filosofia da carne*, no qual estabelece a encarnação como sendo inerente a todos os seres vivos da terra, só que com uma grande diferença: os seres humanos sentem, são tocados e tocam, eles afetam e são afetados, são carne. Todavia insensíveis à própria Vida que se doa, são também seres esquecidos, que vivem da incompreensão do valor do *outro*, do valor da criação em *si mesma*.

A encarnação é um tema do cristianismo que teve que se esforçar para se estabelecer no pensamento judaico e grego.

Desde que o cristianismo sai do seu meio de origem hebraico, confronta-se, pelo seu desejo de universalismo, com uma cultura que é em grande medida, do ponto de vista intelectual, a cultura grega. Teve que se esforçar para que esta aceitasse o que lhe era mais oposto e incompreensível: a realidade do corpo de Cristo na Encarnação como condição de identificação do homem com Deus [...].⁷³

O cristianismo busca seu espaço, um esforço para quebrar um pensamento empedernido pelo modo grego de pensar, voltado à manifestação do *phainomenon* na exterioridade, e não mais na interioridade da doação da vida na Vida Absoluta⁷⁴. Um corpo humano é agora a encarnação do Cristo, um novo momento. Diz Henry:

Mas se a Encarnação do Verbo, a sua vinda numa carne, e numa carne como a nossa, significa a sua vinda à nossa condição humana, o tê-la tomado Ele em si significa que outra tese está ainda envolvida na afirmação abissal de João, uma definição do homem como carne. Porque a Palavra não diz que o Verbo tomou a condição de

conforme o que o SENHOR deu a cada um? 6 Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. 7 Por isso, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”.

⁷³ HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. p. 8.

⁷⁴ WONDRAČEK, Karin H. K. *Ser nascido na Vida: a contribuição da fenomenologia da Vida de Michel Henry para a clínica*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010. Anexo B – Glossário (Vivo) de fenomenologia.

homem e que, com esse fim, ele se proveu, entre outros atributos, de uma carne: a Palavra diz que “se fez carne” – e que é, em verdade, por isso ele se fez homem.⁷⁵

É muito interessante pensarmos nas Palavras de Cristo que falam a língua dos homens: “que se fez carne”,⁷⁶ em que se estabelecem a relação intencional do Verbo e a carne, a possibilidade única do Pai alcançar o coração de seus filhos e filhas. Falar ao coração de seus filhos é chegar a esta condição do Ser Absoluto tomando o ser humano da sua condição miserável, e fazendo luz em sua escuridão por meio de uma linguagem do amor.

Mas este Jesus que é Deus, também em semelhança humana chorou, se entristeceu e sentiu fome. Estaria ele no corpo? Não. Henry vai afirmar que está na carne e não no corpo. Mas João faz outra afirmação que traz a luz a esta questão; ele diz que: “o verbo se fez carne” (João 1.1), que em SI integra e não separa como desejariam algumas linhas como gregos ou a ciência; ele é indivisível, poderíamos dizer que ele se permitiu a ser carne [...].

“[...] a vinda a si é a que é a encarnação – toda a encarnação”. Só conviria o “fazer-se” no sentido joânico do “fazer-se carne”. Porque então já não está em questão a “forma”, o “aspecto”, a “aparência”, mas a realidade. É nEle próprio, na essência, na sua realidade de Verbo, enquanto Verbo, que o Verbo se faz carne.

Dele e só dele vêm e se explicam todos os caracteres de uma carne – primeiro este facto, este pequeno facto de que ela é sempre a carne de alguém, a minha por exemplo, de modo que traz consigo um «eu» mergulhado nela e que não tem oportunidade de se separar dela, como também não tem a possibilidade de se separar de si mesmo – esta carne que não é divisível sem separável, não sendo composta de partículas nem de átomos, mas de prazeres e de sofrimentos, de fome e de sede, de desejo e de fadiga, de força e de alegria: outras tantas impressões vividas, mas nenhuma delas foi já encontrada ao esgaravatar o solo da terra ou ao penetrar nas suas camadas de argila. Cada uma delas, mostrá-lo-emos, só tira a sua substância do Verbo e só nele é feita.⁷⁷

Vemos então que é este indivisível que integra e faz convergir nEle todas as coisas que sentimos. Contudo, este sentir não se encontra nos objetos nem nas camadas da terra. Sentir é propriedade exclusiva da vida que encontramos no amor de Cristo, no encontro com esta vida no *Logos* da própria Vida, a Palavra de Cristo. Não como desejam alguns, como afirma Henry:

⁷⁵ HENRY, 2001, p. 11.

⁷⁶ Jo 1.14: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

⁷⁷ HENRY, 2001, p. 18.

Não no logos grego no qual só tomam significações ou conceitos, representações ou imagens que fala e raciocina à maneira dos homens que pensa como eles. Mas, num Verbo mais antigo e que, antes de qualquer mundo concebível, e aí onde não há mundo, fala a cada um nessa carne que é a sua nos seus sofrimentos como na embriaguez de existir – Verbo tal como o compreende João, o “Verbo da Vida” (João 1).⁷⁸

O olhar grego continua impregnado na sociedade como um todo, seja ele na ciência ou na filosofia, com seu olhar ontológico que segundo o aristotelismo vai ter por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser. E a fenomenologia de Husserl, e de Heidegger, embora uma fenomenalidade em torno do eu transcendental e do *Dasein* (ser-aí) não satisfaz as expectativas de Henry. Para este, mais do que a fenomenalidade do eu transcendental é necessário falar do transcendental no eu.⁷⁹ Henry vai ao encontro da visão joanina de um ser que sente, apercebendo além de *si mesmo* a própria vida. Como o próprio João declara: “Eu sou a voz (linguagem) que clama no deserto”.⁸⁰

O olhar grego é o olhar “ponto cego” (como dizem os motoristas quando olham no retrovisor de seu veículo e não veem nada, logo se assustam com a surpresa de um veículo ultrapassando-os) que sempre deixa algo fora de foco. Nesta reflexão percebemos uma grande crítica ao reducionismo ou à circularidade do pensamento, que induz a uma prática eclesial contemporânea muito aquém do que é possível apreender da Palavra de Deus. É a falta de sensibilidade que perde a percepção da realidade do *outro*, assim, o afetivo e o misericordioso se tornam questões indiferentes. A surdez ao grito de *si* e do *outro*, o desamor que se observa pelas pessoas que precisam de cuidado e a ênfase nas estruturas estatísticas,⁸¹ são reflexos de um deserto sem a voz do que deveria ser ouvido. Mas como ser ouvido se a linguagem é outra? Certamente não é a que estabelece a aliança na vida.⁸² As Palavras de Cristo não são dogmas. A via de acesso a essa linguagem é na própria vida, no coração mesmo das pessoas.

⁷⁸ HENRY, 2001, p. 19.

⁷⁹ MARTINS, Florinda. Aula primeira do curso de Extensão *Palavras de Cristo nas palavras de Michel Henry: a filosofia da linguagem na fenomenologia da Vida*, São Leopoldo: Faculdades EST, outubro 2012. Florinda Martins é co-fundadora da Societé Internationale Michel Henry. Ela integra o Comité d'Honneur da Revue Michel Henry. Coordenadora do Projeto internacional, em língua Portuguesa, de investigação em rede do CEFi, “O que pode um corpo?”

⁸⁰ Jo 1.23: “Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”.

⁸¹ NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO. Crentes feridos estão esquecidos nas trincheiras. “Caso o último censo do IBGE tivesse incluído questão sobre o número de “desviados” no Brasil, o resultado seria assustador. Calcula-se que hoje existam no País entre 30 milhões e 40 milhões de “desviados”. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/evangelismo/crentesferidos.html>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

⁸² As Escrituras Sagradas são iniciativa de Deus de fazer um pacto com indivíduos ou com um povo. Mostra a aliança com Israel e a última através de Cristo, priorizando uma forma de se relacionar. Vide cap. 1 desta dissertação.

Todo o ser humano é capaz de sentir, sendo esta a sua forma de ver a vida, prová-la e decidir sobre ela, porquanto é desta relação que poderíamos dizer ser uma afetividade⁸³ tridimensional: *ipseidade*,⁸⁴ *si mesmo* e *Vida Absoluta*.⁸⁵

Só o ser humano é capaz de provar em si as coisas que estão ao redor por meio da configuração simbólica. A vida é vivida com o *outro* em uma partilha mútua. Quando isto não ocorre deixa de ser no coração que a vida se prova. Melhor dizendo, fora da vida nada se prova,⁸⁶ tudo deixa de ter sentido. Se assim é, então o ser humano tem uma capacidade de provar na própria vida a Vida de Deus.

Ao invés, é no coração – aí onde o homem prova tudo o que vive, e se prova a si mesmo, como homem, diferente de todas as “coisas” – que está o mal, é daí que ele provém. Assim em Mateus: “Não vedes que o que entra pela boca vai para o ventre para ser eliminado? Ao passo que o que sai pela boca porque provém das más intenções: homicídios, adultérios, excessos, roubos, falsos testemunhos, difamações. É tudo isso que torna o homem impuro; mas comer sem lavar as mãos não torna o homem impuro” (15.11-20). Encontramos um texto semelhante em Marcos (7.14-23): “nada do que é exterior ao homem e penetra nele pode torna-lo impuro. É o que sai do homem que o torna impuro. Porque é do coração do homem que saem os pensamentos perversos [...] Todo este mal vem de dentro e torna o homem impuro.”⁸⁷

Aqui encontramos um olhar para dentro do coração humano que poderíamos exemplificar como o oxigênio e a água. O dióxido de carbono é veneno legal, legalizado, infundado no redundante abismo que o próprio ser humano se envereda na busca de uma “solução”, mas querendo prevalecer sobre seu semelhante gera conflitos, tal como acontece com as leis farisaicas. Jesus em seu discurso abre a porta para que o ser humano se veja, observe-se e se analise como afirma Henry ao citar Lucas 12.57-58.

Sob o peso das Palavras de Cristo os valores da sociedade da época são confrontados com sua dura pregação. Primeiro é preciso ouvir o sagrado; segundo, ouvir a vida, não podendo ser desligadas uma da outra. História e vida são faces de uma mesma moeda. A palavra é uma dialética que soa a partir de uma linguagem cheia de símbolos, e que penetra dentro de cada pessoa por meio de símbolos e que pode ser percebida através de metáforas presentes na estrutura profunda de cada ser.

⁸³ WONDRACEK, 2010, p. 11.

⁸⁴ WONDRACEK, 2010, p. 252.

⁸⁵ WONDRACEK, 2010, p. 254.

⁸⁶ HENRY, 2003, p. 18.

⁸⁷ HENRY, 2003, p.18.

3 A MARCA EXPERIENCIAL TEOLÓGICA DE UMA IT

Neste capítulo vamos dissertar como se desenvolve uma IT na perspectiva de três eixos da alteridade: o da fenomenologia da honra-alter, o da teologia da alteridade e honra e o da evangelização restauradora.

3.1 Um pouco do dinamismo da história

A Igreja Evangélica Batista Ágape iniciou suas atividades no ano 2.000 priorizando relacionamentos e a valorização do outro e do ecossistema no qual está inserida. Para que este relacionamento seja estabelecido no nível do humano a instituição procura corresponder aos sinais dos tempos. Desta forma, oportuniza o crescimento das pessoas por meio da convivência fraterna. O grupo que organizou a comunidade procurou diferenciar entre o que seria uma instituição humana e uma instituição divina. Um grupo inicial de 30 pessoas buscou estabelecer uma filosofia voltada para os *outros*, isto é, para o *humano*. Em outras palavras, buscou-se a humanização da instituição. A ênfase agora estava nos seres humanos. Os recursos estavam centrados não mais nos humanos com recursos, mas nos recursos humanos, ou seja, nos humanos com dons, talentos, valores e com uma vida a ser compartilhada.

A partir desta compreensão se estabeleceu uma filosofia com intuito do crescimento das pessoas, expressas a seguir:

RAZÃO DE SER: Reconciliar o ser humano perdido para o seu estado original, aos braços do Pai, o Criador; MISSÃO: desenvolver as exigências do Reino de Deus no poder do Espírito Santo, a fim de que pessoas sejam batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, apoiando-as no crescimento e prática das Escrituras em obediência e amor; VISÃO: cada membro é um proclamador cuidador, cada célula é uma igreja terapêutica, e multiplicadora; VALORES: ser uma igreja que visa relacionamentos amplos, mútuos e íntegros em amor, em corações que amam e pulsam vidas; PROPÓSITO: glorificar a Deus por meio de nossas atitudes cristãs.⁸⁸

Foi através de priorizar honra e alteridade ao Pai que fomos sentindo o amor de Deus dando sentido à vida, um toque no recôndito humano. Inicialmente, faz-se necessário falarmos

⁸⁸ IGREJA EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE. *Manual de Integração Abrace*. 2012. Quatro vezes ao ano é oferecido o seminário Abrace. Nele as pessoas conhecem a filosofia da Igreja e têm oportunidade de aceitar ou não a sua filiação como membro da comunidade.

da relação entre alteridade⁸⁹ e honra. (I Cr 29.11). Os dois verbetes têm sua importância na vida de uma IT e estão intrinsecamente ligados: não há alteridade se não houver honra, e vice versa. O que liga ambos é o afeto que se desprende como podemos observar no grande mandamento (Mt 19.19; Mt 22.37-39). Ambas estabelecem relacionamento e intimidade, nos quais o respeito ao outro se dará pelo poder que há no amor que honra e valoriza o outro.

3.2 Primeiro eixo: fenomenologia da honra-alter

Em termos fenomenológicos, quando falamos de alteridade estamos considerando o se desdobrar ao *outro* e permitir que haja uma interação real. Vamos observar que a alteridade na teologia tem sua semelhança com a da fenomenologia, pois ambas veem o afeto como recurso da relação, embora, não seja palpável, e, por adotar este caráter, se dá também na fé e no sentir que antecipa a vida intencional. Wondracek disserta que as concepções de Henry também repercutem na compreensão da intersubjetividade, como diz ela: “*para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry, a fenomenologia da Vida obriga a repensar qualquer questão essencial como a da alteridade*”.⁹⁰

Florinda Martins, em seu livro *Recuperar o Humanismo* afirma que a vida afetiva antecipa a vida intencional,⁹¹ o que aproxima ao Afeto que nos afeta o próprio Absoluto, o Deus todo poderoso que nos afetou ao nos escolher (Jo 15.16). É na afetividade divina que somos afetados na vida, que o ser humano vai recebendo as marcas do amor na vida que nEle está, sendo o ápice da honra-alter a reconciliação do humano com o seu Criador. Por isso Michel Henry vale-se do cristianismo para compreender a dinâmica interna da doação da vida:

Importa, agora, sublinhar que a Verdade do cristianismo difere completamente da verdade do mundo. Mais verdadeira do que a verdade do mundo, a verdade do cristianismo é uma verdade fenomenológica pura, no sentido puro. Ela diz respeito, por consequência, não ao que se mostra, mas ao ato de se mostrar; não ao que aparece, mas ao modo de aparecer; não ao que se manifesta mas à manifestação pura, ela mesma e enquanto tal. Ou, como ainda podemos dizer, não ao fenômeno, mas à fenomenalidade. O fato de se mostrar, ou aparecer, a manifestação são

⁸⁹ “Frei Betto diz: ‘O que é alteridade?’ É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença”. COELHO, 2010, p. 44.

⁹⁰ WONDRAČEK, 2010, p. 76.

⁹¹ FLORINDA, Martins. *Recuperar o humanismo*. Lisboa: Principia Publicações Universitárias e Científicas, 2002.

conceitos fenomenológicos puros que expressam, precisamente, os conceitos especificamente cristãos “aparência”, “verdade”, “revelação”.⁹²

Como podemos observar, as relações de honra e alteridade vão se tecendo à medida que cada um se esvazia de si mesmo, colocando em suspenso seus saberes, de forma a poder ouvir e compreender ao *outro*. Para Henry, isto está ligado ao conceito de contra-redução como nos diz Florinda Martins, que para explicá-lo conceitua primeiramente a redução fenomenológica:

Redução - é um termo técnico em fenomenologia e uma etapa do método fenomenológico. Ora pela redução fenomenológica o fenomenólogo deve deixar de parte todos os preconceitos acerca de uma coisa ou de um assunto para poder acolher a manifestação disso mesmo que ele procura. Ora Henry diz que a redução fenomenológica apenas suspende os meus juízos e por isso não comporta em si mesma a manifestação, por isso Henry faz apelo à «contra-redução» isto é, depois de suspensos ou postos de parte todos os preconceitos feitos acerca de algo o que fica? Fica a pureza daquilo que se manifesta originariamente na minha vida [...] é uma forma de acolhimento só outro em mim.⁹³

Ainda, segundo Wondracek, a contrarredução

inverte a perspectiva do conhecimento ao retirá-lo da objetividade e ao voltar-se à impressão subjetiva. Contrarredução porque a ênfase passa da possibilidade de conhecer apenas o que se mostra na exterioridade para a certeza a partir do conhecimento na interioridade.⁹⁴

Partindo deste conceito temos que voltar à relação institucional e mística da Igreja, que é também tradicionalmente chamada de humana e divina. A primeira, a igreja tradicional, corre o risco de ser superficial nas suas relações com o *outro*, preocupada com a manutenção da ordem institucional, na qual não é prioridade estabelecer um relacionamento aprofundado. A segunda conotação de Igreja como Corpo Místico de Cristo se aprofunda na relação colocando em suspenso os seus interesses para que o *outro* cresça (Jo 3.30).

“A Vida fenomenaliza-se e se entrega como este transcendental concreto que sou eu, que és tu”.⁹⁵ A “contra-redução” situa-nos no emergir da própria vida em nós, no sentido de mantermo-nos na origem desse devir efetivo da vida para nela atendermos à sua fenomenomenalidade, implica fazer coincidir a nossa auto-afecção com a auto-afecção da Vida; implica atendermos a essa doação originária em que a vida arquetípica se mobiliza no

⁹² HENRY, 1998. p. 33.

⁹³ MARTINS, Florinda. Mensagem pessoal recebida por e-mail em 20 de novembro de 2012.

⁹⁴ WONDRAECK, 2010, p. 57.

⁹⁵ MARTINS, p. 49-50.

eu e em que eu modalizo a vida em mim. A Vida singulariza-se em mim e eu comungo na vida que, deste modo, me permite comungar com todos viventes.

Florinda Martins também afirma que:

Podemos distinguir, na obra de Henry, três aspectos distintos desta fenomenologia não intencional e que dizem respeito aos três modos de o homem encontrar as raízes do seu ser, da sua vida e do seu corpo: a verdade de si prova-se na fenomenalização do ser como afecto, em *A Essência da Manifestação*(1963); a ipseidade do humano da arqui-ipseidade da Vida que a si mesma se lhe doa, na obra *Eu sou a Verdade* (1996) e o corpo como sentimento da interioridade recíproca da passividade e da acção,(...) nas obras *filosofia e fenomenologia do Corpo-Ensaio sobre a Ontologia Biraniana* (1965) e *Encarnação- Uma Arqueologia do Corpo* (2000). Desde as investigações sobre o sentido do ser do ego, em *Essência da manifestação, à fenomenologia da Vida no vivente, quer em Eu Sou a Verdade*, quer ainda em *Encarnação- Uma Arqueologia do Corpo* expressa-se uma concepção de homem alicerçada no Ser e na Vida que nele se doa. (...) Comungar a Vida não é comungar intencionalmente; daí que as críticas a uma fenomenologia da imanência se não façam esperar, sobretudo quando as relações que na imanência se tecem ainda não foram fenomenologicamente elucidadas.⁹⁶

A singularidade se fixa no Primeiro Filho, nome filosófico de Cristo. É nesta relação de amor entre o Primeiro Filho e seus irmãos, a Igreja, que a vida se estabelece (Jo 14:6; Mt 20:28). A Igreja reconhece toda vida como dádiva do Pai no Filho. Nesse encontro se dá o caminho da reconciliação, o encontro máximo, o encontro que honra e promove a alteridade entre os filhos e seu Gerador, o Pai.

3.3. O segundo eixo: teologia da alteridade e honra

O ato de honrar o outro tem sua origem no amor do Pai. A honra é um ato do Criador que nos atribui seu próprio Espírito e imagem,(Gn 1.26), que doa seu Filho para nossa salvação(Jo 3:16). Em outras palavras Deus atribui ao ser humano a maior posição de honra e também lhe doa uma relação de alteridade a nível humano “far-lhe-ei uma ajuda face a face” (Gn.2.18).

Com Jesus Cristo aprendemos a forma divina de honrar e considerar o outro: Negar-se a si mesmo, (Mc 8.34; Lc 9.2, Fl. 2.3) lavar os pés, o maior deve ser o servidor do menor. Isto é amor em ação! Amor que considera o outro como uma dádiva, merecedora tanto de honra como de alteridade. O contrário deste eixo é manipulação, uso e abuso de poder.

É nesta condição de doação que a honra ganha outra compreensão, pois não é hierarquia ou mérito, mas é honra doada pela própria condição que o humano tem na vida: Ser

⁹⁶ MARTINS, p. 49-50.

filho do Pai, ser o eu mais próximo à mutualidade estabelecida pelo afeto, pelo amor e não por troca.

O aprofundamento do tema se mostra na relação amorosa entre homem e mulher, entre Jesus Cristo e a Igreja, o que nos leva ao que o apóstolo diz sobre ser um mistério, um fenômeno a ser inserido em outra plataforma,⁹⁷ a da própria verdade do cristianismo. O apóstolo Paulo afirma que o marido e esposa se tornam uma só carne. Fazendo uso da tradução da Bíblia *A mensagem*,⁹⁸ teremos uma compreensão mais aprofundada do que é honra/alter: “Por respeito a Cristo, sejam educados e tenham respeito uns pelos outros”⁹⁹ A honra/alter e respeito são para ambos, marido e mulher. Este mistério da mutualidade se dará na vida, como cita Ef 5.32. Em outras palavras, na referida tradução consta: “Grande é este mistério que nem eu mesmo entendo”. O mistério está em que ambos se honrem (homem e mulher) na vida e no corpo de Cristo.

Esta relação amorosa assegurará que a comunhão não se dê por meio da lei, mas por meio do amor, pois Deus é amor (1 Jo 2.4-6). Logo a honra não é mais por merecimento, independe de merecer ou não. Amar é uma decisão que deliberadamente tomamos pela compreensão que somos filhos e parte da vida e de toda as coisas criadas por Deus. Afirma Henry: “A ética cristã tem por finalidade permitir ao homem ultrapassar o esquecimento da sua condição de Filho para poder reencontrar, a partir desta condição, a Vida absoluta na qual nasceu”.¹⁰⁰

Um exemplo próximo desta ideia é mostrado por João. Notemos que Jesus ao ser traído por Pedro não leva em consideração esta traição, pelo contrário vai atrás do seu discípulo para honrá-lo, afirmando que ainda confia nele: “apascenta minhas ovelhas” (João 21:16). Abre um caminho de “honra-alter”, logo, além de buscar Pedro, ele expressa amor. Não se deixa levar pelos possíveis sentimentos de rejeição, contudo manifesta o amor Ágape (Jo 21.15-17; I João 4.190), não porque nós O amamos, mas porque Ele nos amou primeiro.

O discípulo de Jesus o negara, o que é um ato de desonra (desamor), porque não conseguiu retribuir o amor, porém, ao invés disso, o negou (desonra). Jesus ensina que há um caminho para se restabelecer a honra, que é o arrependimento (Mt 26.75). Todos nós somos

⁹⁷ HENRY, Michel. Fenomenologia da Comunidade. Conferência proferida em 1989, e publicada em *Fenomenologia Material*. 2009. p. 135. No prelo. Doravante abreviada por FdC.

⁹⁸ PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011.

⁹⁹ PETERSON, 2011.

¹⁰⁰ HENRY, 1998, p. 175.

pecadores e para restabelecermos a união com Cristo é indispensável o arrependimento. Sem este não haverá perdão e nem o restabelecimento da honra. Quando a pessoa se arrepende dos seus pecados ela entende que toda honra e glória pertencem a Deus (1 Tm 1.17). Isto sim é o amar.

Esta honra só é possível em um ambiente onde não se reprime a expressão do afeto, onde não se coisifique o indivíduo, roubando-lhe o livre arbítrio que Deus outorgou. Abre-se, então, uma diferença fundamental do autoritarismo e legalismo que, em muitas igrejas, vêm se desenvolvendo e, conseqüentemente, substituindo a essência do amor por uma relação de troca o que irá promover seu distanciamento da reconciliação com o Pai.

Quando há um ato de desonra há a manifestação do desamor que desencadeia outras circunstâncias malélicas que distanciam as pessoas umas das outras e de Deus. Para evitar o desamor, na IT se promove uma relação de integridade e mutualidade, onde todos se sentem parte e não um a mais. Isso promove uma relação horizontal não baseada em princípios hierárquicos, mas sim, em princípios de relacionamentos baseados em amor, como diz Filipenses 2.1-4:

PORTANTO, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, Completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros.

É nesta honra/alteridade e mutualidade que se promoverá uma comunhão espiritual e não institucional, proporcionando de tal modo o crescimento e o desenvolvimento da IT de forma que ninguém esteja fora. Bailey elucida as principais características da comunhão:

1. De bom grado só os cristãos se esforçam e dedicam tempo a estarem juntos para pensar nos princípios da palavra de Deus, compartilhar experiências, orar e tomar a Ceia do Senhor (Atos 2.42).
2. Os cristãos têm prazer em compartilhar os seus bens materiais com irmãos necessitados (Atos 2.45; 2 Co 8.3,4).
3. São unidos pelo Espírito Santo (A comunhão do Espírito Santo, 2 Co 13.13,14).
4. Cooperam na obra do evangelho (Fp 1.5; Hb 13.16).
5. Compartilham a alegria do dia a dia, como verdadeiros amigos (Atos 2.46).
6. São unânimes quanto a propósitos e alvos (At 2.46).
7. Sentem e alegria e expressam louvor quando se reúnem (At 2.46,47)

8. Todos participam igualmente da vida e das atividades do pequeno grupo e da igreja em geral. (At 2.44)
9. Confessam os pecados e recebem a purificação do sangue de Jesus Cristo para manterem a unidade e o amor (1 Jo 1.3-9)¹⁰¹

A forma de falar e escutar não é mais preconceituosa, torna-se empática, o que faz com que a pessoa se sinta amada, expresse seus sentimentos e se sinta ouvida, acompanhada e reintegrada de forma que assegure relacionamentos de amor com o Pai e a Igreja.

3.4 Honra e Alteridade na relação dos cuidadores e grupos de apoio

A relação dos cuidadores¹⁰² se estabelece em uma caminhada que respeite o tempo e o ritmo de cada pessoa até que esta já tenha confessado os seus pecados e expressado todas as suas dores. Objetivamos com isto que esta pessoa venha a ser um proclamador cuidador, que tenha já tido a experiência de abrir seu coração e ter sido cuidada com seu discipulador e grupo de apoio.

O grupo de apoio é constituído de até 05 de pessoas que se reúnem uma vez por semana. Além disto há ainda o encontro com o discipulador. Ambos almejam o despertar da fé, aplicação da Palavra e o recebimento da graça restauradora, sendo que é no grupo de apoio que haverá um aprofundamento e cuidado dos traumas bem como a formação de uma nova geração de cuidadores.

3.5 Honra e Alteridade nos recursos de aconselhamentos

É pela Palavra que o conselheiro e o grupo de apoio ajudam a pessoa a enxergar seu novo estilo de vida e a missão deixada por Jesus. Resoluto, Jesus os instruiu:

Deus me autorizou a comissionar vocês: vão e ensinem a todos os que encontrarem, de perto e de longe, sobre este estilo de vida, marcando-os pelo batismo no nome tríplice: Pai, Filho e Espírito Santo. Vocês devem ensiná-los a praticar a tudo que tenho ordenado a vocês. Eu estarei com vocês enquanto procederem assim, dia após dia, até o fim dos tempos (Mt 28.18-20).

Exemplo de caso:

¹⁰¹ BAILEY, Lowell, 25 Segredos para derrotar o inimigo da comunhão. Santa Barbara d'Oeste: SOCEP, 2010 pg.21

¹⁰² Pessoas que exercem liderança de qualquer ordem na igreja também são chamadas de obreiros.

O conselheiro, ao fazer uso da revista “Amigo Cuidador”¹⁰³ permitirá que as perguntas deixem de ser só cognitivas, mas sim, afetivas. Utilizando o método da pergunta abrirá para: “Como isto te afeta e o que te afeta?”

Utilizando o texto de Rm 6.23 o conselheiro(a) solicita o preenchimento do espaço onde deve ser colocado a palavra MORTE: O salário do pecado é _____. Preenchido o espaço em branco vem a segunda pergunta que facilita a pessoa abrir o coração: “O que tem matado?”

A prática deste método é diário em uma IT e já faz parte de sua cultura, visto que se integra com seu sentimento, relaciona-se com seus traumas, suas dores. Geralmente é aqui que começa a identificação das feridas (Is 61.1-4).

3.6 Honra e Alteridade no aconselhamento direto

Para atendermos as necessidades sociais das pessoas utilizamos o método de Aconselhamento Não Diretivo¹⁰⁴ (A.N.D) que é denominado de AROA¹⁰⁵, um acróstico das palavras: Alvo, Realidade, Opções e Ação. Tais palavras representam a progressão de etapas desenvolvidas neste método de aconselhamento. Para cada etapa o conselheiro deverá, por meio de perguntas abertas, ajudar o aconselhado a chegar às suas próprias conclusões, possibilitando entender as implicações de suas necessidades e, conseqüentemente, possíveis mudanças reais em sua vida. Este AND é uma maneira de atender a todos que chegam à IT. O tempo médio para o atendimento é de 30’ a 45’: Inicia-se com oração e seguem-se as demais etapas.

3.7 Honra e Alteridade no Aconselhamento em Grupos de relacionamentos

Estes grupos de relacionamentos têm como objetivo integrar, capacitar e enviar para o cumprimento da grande comissão as pessoas que chegam à IT, além de ouvi-las e acompanhá-las em suas necessidades.

¹⁰³ Coelho, Nivaldo Didini Material de discipulado baseado no livro de João, 2010.

¹⁰⁴ Krause, Renilda. Aconselhamento Pastoral, por meio do telefone: uma possibilidade para a igreja num contexto urbano. Tese mestrado . EST. 2006, pg. 12 “(...)”; a forma não-diretiva, no entanto, está baseada no aconselhamento que “permite ao orientando expressar livremente seus anseios, preocupações, tensões emocionais, e bem assim os seus planos positivos de escolha”. Na forma não diretiva o/a orientador/a valoriza a personalidade do/a orientando/a e limita-se a fazer com que este/a adote a solução que lhe pareça melhor”

¹⁰⁵ Kornfield, David: Apostila de Aconselhamento direto, 2002. Cidade: MAPI- Ministério de Apoio a Pastores e Igrejas.

Um exemplo: Temos um membro da IT que é portador de necessidades especiais (tetraplegia) e de poucos recursos financeiros. Sua única forma de locomoção é uma cadeira motorizada que lhe proporciona o mínimo de independência. O fato é que o motor de sua cadeira sofreu danos causados pelos 15 anos de uso e para o seu conserto seria necessário o desembolso de cerca de R\$ 3.000,00. Houve, então, uma grande mobilização por parte, inicialmente do grupo de relacionamento do qual ele é integrante, assim como de todos os colegas da sala de aula do seminário de Theo-Psicologia¹⁰⁶, inclusive do ministério de Ação Social. Esta carência foi exposta em um culto de celebração, no dia 25/11/2012. Após um período de oração já se tinha a doação do referido valor.

Tanto a filosofia como a práxis da IT marcam a trajetória da igreja. A IT faz uso de sua liberdade para o exercício do cuidado e pastoreio, onde sempre estará presente a Palavra, a Fé e a Graça reconciliadora de nosso Senhor Jesus. Ele vai tecendo na vida de seus membros uma teologia que traz as marcas da reconciliação e restauração na Vida, onde só é possível viver intensamente a única Verdade e o Amor nas Palavras encarnadas de Cristo.

3.8 Honra e Alteridade como recurso espiritual

É com os recursos espirituais e científicos que vamos desenvolvendo e equilibrando os conceitos de ser a igreja uma instituição divina e humana. Como divina tem sua comunhão com Deus através dos métodos ensinados na Bíblia: Oração, Celebração e Palavra, sendo esta última já mencionada neste trabalho e a primeira será detalhada a seguir.

3.9 Honra e Alteridade da Oração intercessória

Este é o mais importante dos recursos utilizando para declarar pois é através dele que declaramos a nossa impotência, e atribuímos a Cristo toda honra e glória. O próprio Cristo nos deixa um exemplo saboroso de oração (Mt 6.9-13, Lc 11.2-4).

Interceder por todos os viventes (Mt 5:34) é uma prática que a IT faz diariamente, sem pensarmos que em toda primeira semana do mês há oração de gratidão por mais um mês que se passou e clamor a Deus pelas metas depositadas em uma urna. Este ato é repetido todas as quartas feiras à tarde e sextas-feiras na vigília, além de retiros de oração que os próprios grupos desenvolvem.

¹⁰⁶ Seminário Theo - psicologia da Igreja Evangélica Batista Ágape, Campo Grande-Ms.

A oração é uma prática abandonada por muitas igrejas e precisa ser resgatada para que a Igreja sinta a Sua presença e paz! Uma Igreja se torna terapêutica quando ela promove em seus membros a fé que reconcilia com Jesus, o nosso único intercessor entre Deus e os humanos (Jo 14.13).

3.10 O terceiro eixo da alteridade é evangelização restauradora

Uma IT tem a evangelização como uma estratégia para restaurar a imagem e reconciliar o ser humano com Deus, buscando promover o envolvimento e crescimento na igreja em que está inserido, bem como no trabalho, escola ou família. Normalmente estas pessoas chegam sem alegria ou esperança, pois são vítimas de uma série de variáveis maléficas que a nossa sociedade proporciona, sem contar o pecado individual.

Para a IT a evangelização tem como premissa levar cada ser humano ao encontro com o Pai para restauração da imagem de Cristo em nós, ou seja, a verdadeira encarnação no crente. Jorge Leon afirma que:

A evangelização consiste tanto em anunciar o evangelho como atingir o objetivo do anúncio. A evangelização é, ao mesmo tempo, causa e efeito, meta e realização. O anúncio do evangelho feito por Paulo tem como objetivo: “apresentar todo homem perfeito (*Téleios*) em Cristo”(Cl 1.28). Paulo não se limita a procurar uma decisão pessoal por Cristo. Vai muito além, busca o complemento da condição humana em Cristo.¹⁰⁷

É nesta condição última, de apresentar Deus a todo ser humano, que a IT encontra sua maior responsabilidade perante o Pai que a conferiu a ela(Mc 16:15-16).

3.11 Evangelização Terapêutica

Nós vamos denominar a evangelização de uma IT de Evangelização Terapêutica (ET) porque ela tem como prioridade um olhar voltado para Deus e outro para o coração da pessoa, de forma a entender suas dores, traumas, angústias e tantos outros sentimentos que a afastam do Pai. Além destes olhares, precisamos perceber como estes nos afetam, para assim, com honestidade, proporcionar uma verdadeira comunhão porque é a honra e a alteridade se tornam essenciais para autenticar a comunhão. A honra que valoriza e a alteridade que estabelece empatia e sente o outro e suas necessidades (Gl 6.2).

¹⁰⁷ León, Jorge. A caminho de uma evangelização restauradora. Trad. Mônica Malschitzky Pg.35

Então, a ET busca oferecer um equilíbrio emocional e espiritual em todos os níveis de relacionamento humano: social, familiar, profissional, religioso a começar da Palavra de Deus que lhe dará uma visão do eterno. Logo, a sua comunicação deve ser a que resgata os símbolos que comunicam as metáforas inconscientes. León¹⁰⁸ afirma que:

Na comunicação do evangelho manifesta-se a grande diferença entre a comunicação verbal e a não verbal. Escutei pregações muito eruditas que constituem magníficas peças oratórias. Entretanto, às vezes, nos deixam tão frios! Se quem fala não acredita realmente no que diz seu inconsciente comunicará uma mensagem negativa, que anula todo positivo que possa dizer.¹⁰⁹

É esta comunicação que não toca o coração: ela é incongruente, fria no seu aparecer, na vida do que fala e do que escuta. Há falta de Vida Reconciliadora, na linguagem de Michel Henry!

3. 11.1 A comunicação deve ser empática e congruente

A comunicação do evangelho tem como base uma vivência com Cristo para que esta venha a ser uma comunicação congruente¹¹⁰ e empática¹¹¹, a fim de estabelecer uma relação de amor. Certa vez um irmão de nossa igreja, em público disse, a respeito da IT: “Nesta igreja, as pessoas são como cães em que um lambe a ferida do outro para serem curados”. Esta frase nos fez pensar muito sobre o que de fato é IT, portanto é não se importar com a dimensão da ferida, mas sim com o portador desta.

A comunicação deve ser resultante de uma vida dedicada ao Senhor, com experiência de uma libertação e cura de seus traumas emocionais e também da experiência do próprio IDE de Cristo. Assim a verdade de Jesus Cristo será transmitida a partir de um viver. León diz que:

Há duas passagens nas Escrituras que mostram a comunicação inconsciente da graça de Deus. Em Marcos 5. 24-34, uma mulher enferma tenta tocar em Jesus com o propósito de obter a cura e consegue. “Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes?” (Mc 5.30) (...) O que acontece, às vezes, é que se prega o evangelho, mas

¹⁰⁸ Jorge A. León, cubano com Doutorado em Filosofia, Doutorado em Teologia na França e pós graduação em e psicanálise. Latino-americano, destaca-se pelo embasamento Bíblico -Teológico e prática, reconhecido como o “Pai da psicologia pastoral latino-americana”

¹⁰⁹ LEÓN, Jorge. A. *O Caminho de uma evangelização restauradora*. São Leopoldo: Sinodal. p. 15

¹¹⁰ DICIONÁRIO HOUAISS- coincidente ou correspondente em características, em propriedades etc.; conforme, concordante, harmônico.

¹¹¹ DICIONÁRIO HOUAISS- capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende etc.

não se comunica, ou seja, não alcança quem está escutando. Também acontece que, ao pregar se acreditando proclamar o evangelho, se está pregando outra coisa.¹¹²

A comunicação será relevante quando esta atentar em ouvir e sentir a dor resultante de uma imagem rebuscada que precisa ser resgatada do pecado, tanto no que prega quanto no que ouve (Gl 4:19; 6:1). Daí a mensagem ser terapêutica e profética, onde o filho fala do que o seu Senhor tem feito em sua vida e não usa máscaras. León diz que: “Que o pregador é um arauto que fala em nome do Senhor, ao qual de certo modo representa e a quem é absolutamente fiel”.¹¹³

O arauto fala em nome do Senhor e tem em si a humildade, graça, amor e a percepção de ver o coração e sentir a dor do aconselhado (Rm 12:15). Igualmente deve ser o arauto em uma IT: “um proclamador cuidador”. É esta visão de cuidado, feito sob a graça do amor, forma única de se colocar em suspenso os nossos pré-conceitos para que possamos sentir a dor do outro, que move a IT. O próprio Jesus nos ensina nas bem-aventuranças a condição dos que desejam ser cuidadores (Mt 5:3-12).

Nas bem-aventuranças Jesus estabelece o princípio da honra pelo amor e não pela hierarquia. O amor é a condição para se estabelecer uma contra redução. O que não deixa de ser um exercício diário de negar-se a si mesmo!(Lc 9:23).

3.11.2 A Mutualidade: condição para uma comunhão duradoura

Deve-se considerar que a mutualidade é condição de uma IT. Se esta estiver quebrada dificilmente será terapêutica. Quando quebrada perde-se a honra e a alteridade, a ética se esvaíra, o tecnicismo e o utilitarismo tomam conta da igreja quebrando o princípio da mutualidade, uma incomunicação que solapa a fé. Brakemeier comenta que:

A ciência como que monopolizou a verdade em larga escala, imprimiu ao mundo a sua “cosmovisão”. E esta parece reduzir o espaço da fé. Visto que assuntos religiosos fogem à verificação, seja por dedução racional ou por experimentos práticos, tornaram-se suspeitos. A física acabou com a metafísica, o natural com o sobrenatural, o conhecimento tomou vantagem sobre o credo. “As ciências desalojaram-na (SC. A igreja) do mundo das explicações dos fenômenos da natureza, reenviando-a para o universo do mito. A modernidade filosófica abalou-lhe os alicerces da transcendência, imanentizando-a”. A exploração do micro macrouniverso não trouxe à luz o que poderia ser interpretado como sendo as impressões digitais de Deus. Portanto qual é a possibilidade de uma “teologia honesta” sob o domínio da ciência? Como a fé poderá sobreviver ao ataque da

¹¹² LEÓN, p. 16.

¹¹³ LEÓN, p. 17.

ciência, mesmo que tal ataque não seja pretendido? Pede-se à teologia a revisão de seu discurso para que recupere credibilidade e plausibilidade junto aos não-especialistas. Com efeito, a teologia deve prestação de contas de seu afazer perante o foro da ciência. Há equívocos a eliminar e novos caminhos a abrir”.¹¹⁴

A igreja, instituição apenas humana, é resultado deste monopólio científico e que por anos vem interfaceando e interferindo no seu comportamento. Podemos observar que o próprio sistema administrativo da igreja segue um padrão da verticalização (hierárquica), fazendo com que a comunicação seja superficial, desinteressada pelo outro, e concentrada na estrutura denominacional.

Brakemeier tem razão ao afirmar que a Igreja-teologia precisa fazer uma revisão do seu discurso e encontrar caminhos que ofereçam respostas à sociedade. A sociedade não vê a igreja como um meio de resposta às questões mais profundas, tais como: Como posso ter uma vida melhor na eternidade? Por que este vazio em meu peito? Por que morte? Por que soffro? Por que repartir com meu próximo se ele me faz mal? Como obter perdão dos pecados? Como encontrar a vida eterna?

Os relacionamentos são frágeis por serem passageiros e desinteressados no outro, impossibilitando estabelecer honra/alter. Que sociedade é esta, na qual o imediatismo é uma virtude? Ela se mostra uma sociedade líquida¹¹⁵ criando relações fluidas e, conseqüentemente, cria a não-comunicação. Brakemeier escreve que: “Um dos grandes motivos da incomunicação é a conceituação da fé como conhecimento deficiente”.¹¹⁶

Geralmente a tendência da instituição humana tem estas dificuldades, e por falta de preparo dos que a lideram, influenciam seus membros a não olharem para o outro, mas para a manutenção do sistema administrativo que tem sua base em um sistema empresarial que é piramidal. As gerações já não se dão conta um dos outros. Wondracek, a respeito de Henry, diz que:

Para o filósofo, pela primeira vez na humanidade temos uma barbárie que convive e se alimenta do progresso: há simultaneidade de destruição e aumento de conhecimento técnico, ou pior: Henry chega a dizer que justamente pelo deslumbramento pelo saber científico e técnico é que a conexão com a vida está sendo perdida, e a barbárie se incrementa. No intento de adquirir um conhecimento objetivo e visível do ser humano, se coloca de lado a própria essência do humano, que é subjetiva e invisível. Assim a intenção científica faz desaparecer o seu objeto! Como conseqüências têm:

¹¹⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião? quem vai conduzir a história*: São Leopoldo, Sinodal, 2006. p. 30.

¹¹⁵ Idéia de Zygmunt Bauman, retirado de uma entrevista de BURKE, 2003. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2012.

¹¹⁶ BRAKEMEIER, 2006, p. 30.

- o desaparecimento do saber em suas formas éticas
- o desaparecimento da arte como expressão da essência humana
- o desaparecimento da espiritualidade como valor
- o desaparecimento da transmissão do saber de uma geração para outra.

A tradição ética e étnica, a cultura e a arte, o espiritual e o saber dos ancestrais já não são considerados fontes de vida. Os mais idosos, justamente por não acompanharem o saber técnico, são relegados pela sociedade e considerados incapazes de ensinar qualquer conteúdo válido aos mais novos. Com isso se produz um grande hiato entre as gerações, que impede o enraizamento de adolescentes e jovens na sua bagagem cultural. Desta forma, na sua orfandade étnica, ética e estética tornam-se presa fácil de ideologias consumistas ou totalitárias.¹¹⁷

Portanto, vale a pena ressaltarmos o valor que hoje estamos difundindo na IT: “Uma geração que planta para outra geração”.

3.11.3 A comunicação relevante se dá na transmissão das Palavras de Cristo ao outro

A comunicação relevante precisa levar em consideração outra comunicação que não é só uma troca de favores. Ela precisa elevar o outro. Então, é de suma importância a Igreja voltar-se ao exercício de uma transcendente fé, motivada pelo próprio Pai, como afirma Mueller: “A graça divina, assim experienciada, realiza o movimento inverso da crise e da angústia. Falando ao coração da pessoa, Deus lhe mostra que há um coração que bate com o dela, e que este é o Seu próprio coração eterno”.¹¹⁸

Esta compreensão é mais que uma compreensão intelectual. Ela é na própria vida, onde sentimos a Sua presença. Isso coloca a Igreja para ser uma ouvidora de sua Palavra e por conseguinte do sentimento de cada pessoa.

É nesta inversão que Mueller reforma a proposta do olhar e um falar mais intelectual do ensino da Bíblia para um ouvir e olhar os seus feitos. Não no muito falar da carne, mas ouvir a Voz que vai tocar com o Seu próprio coração no nosso coração. Ouvir as Palavras de Cristo que revelam o oculto, do fundo do poço de nossas vidas. Um novo diálogo agora se estabelece, entre o coração do Pai e dos filhos. Já não mais existe um falar solitário de um “filho sem Pai”, sim, um recomeço relacional que combate, direta e eficazmente as crises existenciais, nas quais, por muitas vezes, somos aprisionados em sentimentos de insegurança e caos (Mt. 28:20).

¹¹⁷ WONDRAČEK, Karin H. K> Aconselhamento em tempos de barbárie: sofrimento, vida, encarnação. *Estudos Teológicos*. 2011/2. 50, Disponível em http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/102/94. Baseada em palestra proferida no II Congresso Brasileiro da Igreja Terapêutica, em 2011, na Igreja Batista Ágape em Campo Grande, MS

¹¹⁸ MUELLER, 2010, p. 186

A contrapartida expressa pelo Pai e que nos suscita vida (Jo :9:15) é que Ele jamais permitirá que fiquemos sós, pois Ele não nos deixa órfãos (Jo 14:18). Há ideia apresentada nos dois capítulos introdutórios deste trabalho e, nesta dialética de ouvir e falar, temos um mediador, o próprio Cristo que reconcilia nossa história, voltando-nos à nossa origem, no Pai, como afirma Enio Mueller: “De volta, de volta até que se transforme em pontos à distância. Pontas distantes de um arco que volta a ser percebido como referencial de identidade e de segurança, de dossel conjugal de ninho aconchegante”.¹¹⁹

Pontas que são tocadas pelos braços de Cristo. Sua cabeça toca o céu, seus pés em direção ao nosso coração. Agora o Pai senta-se no seu trono, na nossa vida e une as pontas do arco. E quem faz esta relação entre os dois pontos é o próprio Cristo. As pontas do arco seguem em rumo do arrependimento nas compreensões das metáforas no inconsciente.

No capítulo 2 argumentamos que a essência do cristianismo está na essência da Vida, e que, segundo Henry, a palavra dos Evangelhos é écran de sua própria imagem. Esta volta à fonte doadora, o Cristo que chama a todos à conversão, (Atos 3:19) coloca a Igreja no lugar de sua verdadeira missão. .

É nas palavras de Cristo que encontramos a marca do seu amor expresso em seu cheiro suave (Ef 5:2), fragrância que é própria dEle, que a exala e nos faz submergir na nossa aqui-existência, tocando diretamente o nosso olfato, que foi o primeiro sentido a ser estimulado pelo sopro do Pai (Gn 2:7).

Deus fala ao nosso espírito, dá sentido à nossa capacidade narrativa e desperta no ser humano o desejo de reconciliação com o Pai. No escutar as palavras de Cristo, que é cheiro (Ef 5:2), que é graça, que é amor e que nos faz sentir a Vida. Esta comunicação passa a ser o caminho para eliminação da crise. Mueller afirma que a comunicação é eficaz quando esta tem em si a Palavra de Deus:

Uma leitura bíblica na perspectiva do amor de Deus e da reconciliação que ele traz ao mundo, ajudará a pessoa, em primeiro lugar, a perceber sua condição e as causas dela. Em segundo lugar, ajudará a pessoa a perceber que, nessa situação de crise sem saída, Deus abre uma fresta e irrompe, mostrando que a crise não é momentânea, mas que ela diz respeito à própria condição da existência. (...) Esse é o sentido teológico do juízo divino, juízo que já é, na verdade, o primeiro momento da graça.¹²⁰

¹¹⁹ MUELLER, 2010 p. 186,187.

¹²⁰ Mueller. 2010, pg.186

É esta graça que marca na própria vida, como resultado de um ouvir, não apenas científico, mas carrega a Vida da própria Palavra de Cristo na vida, que é a nossa.

É nas Palavras de Cristo que encontramos o único meio de compreendermos que o Verbo se fez carne. Saciando a sede e a fome (Jo 6.35) alimentando-nos na nossa contínua condição de humanos. Esta sede é exemplificada pelo salmista.¹²¹ O suspiro que traz uma grande esperança.

3.11.4 Estratégias espirituais da Igreja Batista Ágape - IT

As estratégias espirituais são disciplinas bíblicas fazendo uma interface com as técnicas de aconselhamento, que utilizadas, nos são úteis para amenizar ou até eliminar o sofrimento dos que em muitos casos chegam desesperados. É ter Deus em essência sua palavra e a sabedoria que deu a seus filhos. Uni-las é também unir o Criador e sua criatura, o Pai e filhos para cuidarem dos humanos.

Chegamos a afirmar que o sofrimento, a dor, a mágoa, o rancor, a angústia, a ira, o desespero, o abuso sexual, o espancamento, as neuroses, a depressão e tantas outras dores existenciais têm sua causa na alienação (Prov. 18:1). Na contemporaneidade as pessoas expressam-na por levar uma existência virtual e normalmente se refugiam em seus quartos, próprios guetos que denominamos de: televisão, internet, leitura, pornografia, consumismo, etc. Não se repete o mesmo comportamento de Adão e Eva quando se refugiaram entre as árvores do jardim? (Gn 3:8).

As estratégias espirituais servem para cuidar, reconciliar, restaurar a imagem de Deus e gerar equilíbrio espiritual entre ser e viver o Cristo. Seguindo a filosofia da IT nossos valores buscam reconciliar-resgatar para uma vida íntegra. É nesta integridade que a IT anela trazer para si os que estão doentes e excluídos não por terem soldos parcos, mas pela própria violência que vive a nossa sociedade. Neste sentido é que pensamos oferecer em uma IT um ambiente não hostil, porém de liberdade, de paz, onde haja simpatia pelos erros dos irmãos. (1 Jo 2:10)

¹²¹ Salmos 42:1 - ASSIM como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! Salmos 63:1 - Ó DEUS, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água;

3.11.5 *A conjuntura existencial da igreja precisa ser alterada*

Na parábola narrada por Jesus no livro de Lucas (Lc 5:35-37), encontramos o ensino de que não é possível ser uma nova criatura e continuar vivendo na mesma conjuntura existencial de outrora. Ou como Ele mesmo diz: “não se pode agradar a dois senhores”(Lc 16:13).

Desta forma a IT, como instituição, tem almejado transformar toda a sua conjuntura, para reverter a postura que antes não valorizava o ser humano como um todo. Para tanto anseia um comportamento fundamentado nos princípios de honra e alteridade, isto é, “amar a Deus sobre todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:39).

Esta mudança é radical, razão pela qual precisa ser estabelecida com muito critério e paciência.

A IT objetiva seguir o exemplo de Cristo, em manifestar a graça do Pai, por meio de sua Palavra e fé, pois é desta forma que conseqüentemente ela será um atrativo, não por intermédio de apelos externos de um bem-estar nesta vida, mas sim, pelos mais relevantes valores intrínsecos no seu próprio conceito.

Concluimos com as palavras de Martinho Lutero: “A Bíblia está viva, ela fala comigo; tem pés, corre atrás de mim; tem mãos, me segura”.¹²²

¹²² HURDING, F. Roger. *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 315.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final desta caminhada procurando tentando a partir da teologia e da filosofia oferecer uma reflexão sobre qual é a fundamentação teológica e filosófica que sustenta uma IT. Amigos não faltaram no diálogo, tais como: Jesus Cristo (o melhor amigo), Enio Mueller, Michel Henry, Florinda Martins, Karin Wondracek e Lowell Bailey. Eles são referenciais que em alguns momentos estavam presentes, dialogando objetivamente; em outros, estavam tão presentes nos saberes intrínsecos que com eles ia dialogando constantemente e que foram marcantes no afeto, na vida interfaceando saberes. Neste processo também destaco as falas de minha esposa Ana Alice, assim como de toda Igreja Evangélica Batista Ágape, que, neste caminhar conclusivo esteve ombro a ombro comigo.

Entendemos que a teologia que compreende a Palavra, Graça e Fé é base primordial para a IT e que ela tem em Jesus Cristo o seu Mestre cuidador. Ela não pode se reduzir a um mero estudo formal das escrituras ou a aventuras de pregadores itinerantes que abordam seus temas sem ao menos levarem em conta a evangelização reconciliadora e restauradora: o fazer discípulos.

Desta forma a teologia vai se transformando em uma ferramenta, uma técnica, um estudo fechado aos bancos das faculdades de teologia o que redundará em um hiato entre os que sabem e os que nada sabem ou os que pouco sabem. Diz Molochenco:

A distinção entre clérigos e leigos, sem dúvida, contribuiu para o surgimento desse abismo entre a teologia e os não-iniciados no saber teológico. O estudo sobre Deus e sua relação com seu povo foi se tornando cada vez mais propriedade de uma elite intelectual.¹²³

No entanto, o que vamos ler nas Escrituras é Jesus utilizando o povo para cuidar do próprio povo. E não os mestres (sacerdotes) que não conseguiram ver nEle a Vida (Jo 10:10). Diferentemente, o povo ouviu e sentiu o seu amor que, falando ao coração, vai até aos seus inconscientes. “vinde após mim e vos farei pescadores de almas” (Mt 4:19).

Para que fossem anunciar o Cristo, que é luz, (1Pe 2:9) e conduzir a todos a IR, BATIZAR E ENSINAR A OBEDECER (Mt.28:19-20) foi dada uma ordem. A IT optou por obedecê-la. O seu projeto é de levar a todo o ser humano o incondicional da sua condição e que é Deus que torna o homem integral. (Col. 1:28). É neste ambiente que o conselheiro de

¹²³ Molochenco, Silas. Curso Vida Nova de teologia Básica- Aconselhamento. Ed. Vida Nova 2008. Pg.7

uma IT ouve e estabelece relação pessoal no processo de cuidado, buscando impedir a possibilidade de uma relação apenas *líquida*.

Com estes referenciais teóricos demos o início com Muller que além de mostrar o caminho nos faz observar que a “ponta do cajado do Pai” toca a vida de cada ser humano. Nestas marcas deixadas pelo cajado fomos encontrar sustentação teórica na Teologia para uma IT, que se abre para uma grande impressão: marca na vida para marcar a vida de cada pessoa com as marcas da Absoluta Vida.

Estes fundamentos teológicos têm agora na fenomenologia da Vida uma parceira para compreensão da dimensão e profundidade das palavras de Cristo, instigando-nos ainda mais à busca de uma intimidade com Ele e também a entender o ser humano neste universo, bem como a *práxis* de uma IT.

A IT consegue agora ver que a teologia não está distante da fenomenologia da Vida e vice e versa. É nesta correlação que a teologia e a filosofia henryana ganham um valor de compreensão plena que constituem, juntamente com os valores apresentados no primeiro capítulo, os alicerces mais profundos que estruturam um conceito tão singular como o de IT. Em suma, IT nada mais é que o cuidar e promover do outro de tal forma que o Cristo que nele habita possa transcender em vida a Vida – o eu transcendental – e o eu que habita no Corpo possa viver a plenitude da Vida – o transcender do eu (Gl 2:20). Como afirma Martins:

Ora é justamente pelo retorno à raiz da vida que a fenomenologia, em Henry, se apresenta como uma «outra» fenomenologia, levada a cabo pela «inversão» do caminho trilhado da, até então por ele denominada, fenomenologia tradicional. Uma curiosa inversão já que aquilo a que ela nos conduz é ao «avesso» do caminho e ao que, nele, nesse avesso e como invisível, se revela.”¹²⁴

Nesta dimensão, o conceito de Honra-Alter materializa-se no afetar do Ser transcendente, pois pela via do afeto a honra-alter alcança sua magnitude na tríplice correlação que Enio Mueller conceitua como “reconciliação em dois tempos” (2 Cor.5:18,19)¹²⁵, o encontro entre Pai-filho-filhos (a Igreja, Seu Corpo) – e que o apóstolo Paulo chama de Mistério profundo (Ef 5: 32). É uma prova vivencial, que para fenomenologia henryana é *prova fundante*, como poderemos ler o conceito no glossário da tese de doutorado de Wondracek:

¹²⁴ MARTINS, 2006, p. 217-223.

¹²⁵ MUELLER. 2010, p. 154.

PROVA DE SI – ÉPREUVE – EXPERIÊNCIA DE SI – Prova vivencial. Conceito fundante da FdV, “quer significar o acesso fenomenológico absoluto a realidade. Refere-se a uma experiência, ao mesmo tempo, de saborear, experienciar, mas também de revelação, manifestação e apresentação”. (N.Trad. GP, p. 41.) *Épreuve está ligada a perceber, sofrer, tarefa, Heimsuchung, e no francês antigo também significava julgamento de Deus. Não há epreuve que não seja simultaneamente “reconhecer” e “agir” (incluindo carência, esforço, querer) possibilitados pela uma e mesma afetividade experienciada.* (RK) “A vida e um experimentar-se sem distância. A fenomenalidade em que consiste esta experiência e a afetividade.” (*La Barbarie*, p. 33.) Nesse conceito convergem os demais termos fenomenológicos como si, Ipseidade, autoafecção, autorrevelação, *pathos*, essência, etc., no que reúnem os âmbitos de realidade do conhecimento transcendental-critico, prático-ético, psicológico, bem como religioso-estético.¹²⁶

Não queremos deixar a falsa impressão de que esgotamos este tema porque temos a plena convicção de que a amplitude dele vai além das migalhas aqui apresentadas, perpassando caminhos técnicos, filosóficos e práticos de uma vivência em IT.

Trata-se de um grande romance que reflete nitidamente o grande amor de Deus na nossa vida e em toda a humanidade, através de Jesus Cristo. Todos são carentes da dádiva das Palavras de Afeto que nos reconciliam nEle por meio de Seu amor demonstrado de diversas formas, mas especialmente na cruz do Calvário.

¹²⁶ WONDRAČEK, 2010, p. 253.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BAILEY, Lowell. *25 Segredos para derrotar a crise da comunhão*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história*: São Leopoldo, Ed. Sinodal, 2006.

BURKE, 2003. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_EntrevistaA_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2012.

CHOURAQUI, André. *Os homens da Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990.

_____. *No princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

COELHO, Nivaldo Didini. *Doutrina bíblica que trata da queda do ser humano: a sua salvação por meio de Jesus Cristo*. Não publicado.

_____. *Valores de uma Igreja Terapêutica*. São Paulo: Reflexões, 2010.

CORBELLINI, Vital. A Visão da Eucaristia no Período Pré-Niceno. *Rev. Trim.*, Porto Alegre, v. 35, n. 150, dez., p. 739-755, 2005.

CRABTEE, Asa Routh. *Teologia do Velho Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

DELLAZARI, Romano. Uma Colaboradora Que Lhe Corresponda? *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37 n. 158 p. 552-570, dez., 2007. p. 568.

GIBERT, Pierre. *Como a Bíblia foi escrita: introdução ao Antigo e ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1999.

HENRY, Michel. Fenomenologia da Comunidade. Conferência proferida em 1989, *Fenomenologia Material*. Tradução de Florinda Martins, não publicado.

_____. *Eu sou a Verdade: para uma filosofia do Cristianismo*. Lisboa: Vega, 1998.

_____. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

_____. *Palavras de Cristo*. Lisboa: Colibri, 2003.

HOCH, Lothar Carlos; WONDRAČEK, Karin H. K. (org.) *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores: Anais do IV*

Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Sinodal; FAPERGS, 2006.

HURDING, F. Roger. *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE. *Curso de formação de liderança da Igreja Evangélica Batista Ágape* (Apostila).

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE. *Manual de Integração Abrace*. 2012. (apostila)

KORNFELD, David: Apostila de Aconselhamento diretivo, 2002. Cidade: MAPI- Ministério de Apoio a Pastores e Igrejas.

KRAUSE, Renilda. *Aconselhamento Pastoral, por meio do telefone: uma possibilidade para a igreja num contexto urbano*. Dissertação mestrado. São Leopoldo: EST. 2006.

LASMAR, Christianne, ALVES, Clélia, ARCURI, Débora. *Biopirataria e as suas consequências: como o comércio ilegal da fauna e flora prejudica a biodiversidade brasileira*. (6º período). ESPESCHIT, Rodrigo. (Org.). Impressão, Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da UniBH. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/70591016/Jornal-Impressao-2%C2%BA-semester-de-2011>>. Acesso em: 26 out. 2012.

LEÓN, Jorge. *A caminho de uma evangelização restauradora*. São Leopoldo: Sinodal, Quito CLAI 2010.

LIMA, Aluísio Ferreira de. *A dependência de drogas como um problema de Identidade: possibilidades de apresentação do Eu por meio da Oficina Terapêutica de Teatro*. Dissertação. 261 f. (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, António e Rodrigo Portela. *Expressões sobre o fenômeno religioso*. 2. ed. (Cultura & Religião). Aparecida: Santuário. 2008.

MARTINS, Martins. *Recuperar o humanismo*. Lisboa: Principia Publicações Universitárias e Científicas, 2002.

MARTINS, Florinda. *Aula primeira do curso Palavras de Cristo*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2012.

MARTINS, Florinda. Mensagem pessoal recebida por e-mail em 20 de novembro de 2012.

MOLOCHENCO, Silas. *Curso Vida Nova de teologia Básica: Aconselhamento*. Rio de Janeiro: Vida Nova, 2008.

MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo: Teológica; São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

_____. *Caminhos da reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010.

NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO. *Crentes feridos estão esquecidos nas trincheiras*. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/evangelismo/crentesferidos.html>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011.

SILVA, Maurício. Alteridade de Cidadania em: <<http://www.evirt.com.br/colunistas/mauricio08.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

SMALLEY, Gary; TRENT, John.: *A dádiva da honra*. Miami Flórida: Vida, 1989.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WONDRACEK, Karin H. K. Aconselhamento em tempos de barbárie: sofrimento, vida, encarnação. *Estudos Teológicos*. 2011/2. 50, Disponível em http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/102/94

_____. Glossário (vivo) de fenomenologia. In: *Ser nascido na Vida: a contribuição da fenomenologia da Vida de Michel Henry para a clínica*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010. Anexo B.

_____. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. 257 f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2010.